



Patrícia Raquel
Ferreira Silva **A Adaptação e o Bem-Estar em
Creche e Jardim de Infância**

Relatório de Projeto de Investigação do
Mestrado em Educação Pré-Escolar

ORIENTADOR
Professora Doutora Sofia Figueira

Julho 2019

Patrícia Raquel **A Adaptação e o Bem-Estar em**
Ferreira Silva **Creche e Jardim de Infância**

JÚRI

*Arguente: Professora Doutora Isabel Maria Tomásio
Correia*

*Presidente: Professora Doutora Ana Francisca da
Silva Moura*

*Orientador: Professora Doutora Sofia Gago da Silva
Corrêa Figueira*

Agradecimentos

A realização deste relatório de investigação não foi fácil! O apoio e incentivo de algumas pessoas durante este meu percurso académico foi fundamental para nunca desistir nos momentos menos bons. É a essas pessoas que gostaria de agradecer.

Quero agradecer, com enorme carinho à minha mãe e à minha avó que estiveram sempre ao meu lado e sempre me incentivaram a continuar e a lutar pelo que realmente quero. Mas principalmente à minha avó, que me deu todo o apoio e incentivou a ingressar no Mestrado, após o termino da Licenciatura e já no mercado de trabalho, fora da área de Educação. Agradeço por me ajudarem a concretizar mais uma grande etapa da minha vida e por acreditarem sempre em mim.

Quero também agradecer às minhas colegas e amigas do Mestrado em Educação Pré-Escolar, Ana Lúcia Neto e Rita Grande, que foram os meus grandes pilares. Obrigada por todo o apoio que me deram ao longo deste ano e meio de formação académica.

Um agradecimento especial também à minha professora e orientadora Sofia Figueira, pela sua orientação, paciência, dedicação e pelo modo como me incentivou sempre a fazer o melhor possível.

A todos um enorme e sincero obrigada!

“A satisfação reside no esforço, não no resultado obtido.

O esforço total é a plena vitória.”

(Mahatma Gandhi)

Resumo

O presente relatório insere-se na temática da adaptação e bem-estar das crianças em contexto de educação de infância.

O relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, no qual, o estudo apresentado advém de observações e vivências realizadas nos três momentos de estágio em contextos de creche e jardim de infância.

A temática apresentada, surge na sequência da prática realizada nos contextos educativos supramencionados, assim como, das aprendizagens resultantes das semanas de estágio e tem como principal objetivo a realização projeto de investigação-ação.

No que diz respeito à metodologia que enquadra o estudo presente neste relatório, a mesma está inserida no âmbito do paradigma interpretativo da metodologia qualitativa, na qual a metodologia da Investigação-Ação se integra. O principal objetivo deste estudo foi a compreensão da importância pedagógica do processo de adaptação das crianças aos contextos educativos, assim como, esse processo pode influenciar o bem-estar das mesmas.

Os procedimentos de recolha, tratamento e análise da informação utilizados foram a observação, as notas de campo e os inquéritos por questionário passados às educadoras cooperantes. A análise, interpretação e reflexão da informação recolhida permitiram compreender o processo de adaptação das crianças e as práticas das educadoras cooperantes.

Por último apresento as considerações globais que integram a reflexão sobre as aprendizagens adquiridas e as dificuldades sentidas ao longo de todo o meu percurso enquanto estagiária nos contextos de estágio no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Palavras-chave:

Adaptação; Bem-estar; Rotina; Acolhimento; Processo de Separação; Educador de Infância.

Abstract

This report is part of the theme of the adaptation and welfare of children in the context of childhood education.

The report comes in the framework of the master's degree in Preschool Education of the school of education of the Instituto Politécnico de Setúbal, in which, the study presented comes from observations and experiences made in the three moments of stage in contexts of nursery and garden of childhood.

The theme presented, follows the practice carried out in educational contexts referred to above, as well as learning resulting from weeks of internship and has as main objective the achievement of research-action project.

With regard to methodology that fits in the present study in this report, it is inserted within the interpretive paradigm of qualitative methodology, in which the methodology of action research. The main objective of this study was the understanding of the importance of the pedagogical process of adaptation of children to educational contexts, as well as, this process can influence the well-being of same.

The procedures for the collection, treatment and analysis of information used were the observation, field notes and surveys passed to cooperating teachers. The analysis, interpretation and reflection of the information collected allowed understanding the process of adaptation of the kids and the practices of educators cooperative.

Finally meet global considerations in the reflection on the learning acquired and difficulties experienced throughout my journey as an intern in the contexts of internship for master degree in Preschool Education.

Keywords:

Adaptation; Welfare; Routine; Host; Separation Process; Childhood Educator

Índice

Agradecimentos.....	1
Resumo.....	4
Abstract.....	5
1. Introdução.....	8
Capítulo I- Quadro teórico de referência.....	12
1. A adaptação e de bem estar em Educação de Infância.....	12
2. O Papel do Educador de infância enquanto facilitador do processo de adaptação e de bem-estar.....	19
3. O acolhimento das crianças e das famílias em Educação de infância.....	23
Capítulo II – Metodologia.....	31
1.1. O paradigma Interpretativo e a Investigação Qualitativa.....	31
1.2. Metodologia de Investigação-Ação.....	34
1.3. Procedimentos de recolha e tratamento de informação.....	36
· Observação Participante.....	37
· Notas de Campo.....	37
· Inquérito por Questionário.....	38
Capítulo III- Apresentação e Interpretação da intervenção.....	40
1. Contexto de Creche- Instituição A.....	40
1.1. Caracterização do grupo.....	41
1.2. Rotina da sala.....	42
2. Contexto de Jardim de infância - Instituição B.....	45
2.1. Caracterização do grupo.....	46
2.2. Rotina da sala.....	46
3. Interpretação das observações realizadas.....	50
3.1. Contexto de Creche - Instituição A.....	51
3.2. Contexto Jardim de infância – Instituição B.....	58
Capítulo IV - As concepções das Educadoras Cooperantes.....	66

Capítulo V – Considerações Finais	70
Referências Bibliográficas.....	77
1. Apêndices.....	83
1.1. Apêndice – Inquérito por questionário (exemplar)	83
1.2. Apêndice – Resposta das Educadoras Cooperantes de creche e de jardim de infância ao inquérito por questionário	84
1.3. Apêndice- Concepções das Educadoras Cooperantes (resposta aos inquéritos por questionário).....	88

1. Introdução

No âmbito do curso do Mestrado em Educação Pré-Escolar, o presente relatório resultou de um percurso de investigação realizado nos estágios em contexto Creche e Jardim de Infância no âmbito das unidades curriculares Estágio em Educação de Infância I, Estágio em Educação de Infância II e Estágio em Educação de Infância III, bem como, através da articulação dos conhecimentos adquiridos nas diversas unidades curriculares do plano de estudos.

Durante o estágio de observação realizado em creche na Licenciatura em Educação Básica, quase todos os dias ouvia um choro quando um familiar deixava a criança na sala de atividades da instituição educativa. Questionava-me: O que será que a criança sente quando um familiar a deixa na instituição? Porque chora e chama constantemente o seu nome? Será que estar ali causa desconforto? Eram muitas as interrogações que me surgiam tendo em conta que, não deixava de ser um pouco angustiante ver que a criança podia estar a sofrer por estar num lugar que não lhe era familiar e por não ter ninguém que lhe fosse próximo na instituição.

No Mestrado em Educação Pré-Escolar, passei novamente por períodos de estágio, tanto em creche como em jardim de infância. O estágio em creche teve início do mês de Outubro, pelo que tive oportunidade de assistir a crianças em processo de adaptação. As crianças que acompanhei ao longo das dez semanas de estágio, encontravam-se numa faixa etária compreendida entre um e os dois anos de idade. No decorrer das minhas observações algumas crianças no momento de separação da mãe choravam, agarrando-se à mesma para que esta não fosse embora. Enquanto futura educadora acredito que é importante que o educador respeite e encontre estratégias que tornem o momento de separação menos angustiante tanto para a criança como para os familiares favorecendo, assim, a adaptação da criança ao novo contexto. Em conversas com a educadora cooperante a mesma referiu que, inicialmente, a adaptação de algumas crianças do grupo foi bastante complicada, na medida em que, por vezes, nem conseguia chegar perto das mesmas para que se desse algum tipo de interação ou algum afeto.

As crianças vivem o processo de adaptação, aos contextos educativos, de forma diferente, e, por vezes, existem casos em que o período de adaptação é mais prolongado e mais difícil.

No estágio em jardim de infância, que teve início no mês de Abril, foram poucos os momentos em que, no momento de separação, as crianças demonstravam desconforto. As crianças que acompanhei neste estágio, encontravam-se numa faixa etária dos três aos quatro anos de idade, no qual, no decorrer das minhas observações, no momento de acolhimento, a maioria das crianças despedia-se dos seus familiares e ia brincar com os amigos. No entanto, surgiram alguns episódios em que o momento de separação era mais delicado, ou seja nestes momentos a criança chorava agarrando-se ao familiar. Nestas situações a educadora tentava interagir com a criança e com o familiar para que este momento não fosse vivenciado de forma angustiante para ambos. No meu ponto de vista, é importante que o educador consiga transmitir à criança que aquela sala é um lugar seguro e tente criar também um laço de vinculação para a mesma se sentir confiante.

Pensando sempre na criança e querendo que a mesma esteja num ambiente que lhe transmita confiança, segurança, conforto e que ao mesmo tempo se torne num espaço familiar, é importante que o educador de infância e a equipa pedagógica consigam trabalhar em conjunto para criar condições favoráveis ao bem-estar e, conseqüentemente, criar um ambiente propício às aprendizagens significativas que daí advirão. É importante definir estratégias e criar meios para que as crianças sintam prazer em ir para a instituição educativa, queiram conviver com os outros e estejam aptas a novos desafios e interações, pois, só num ambiente seguro é que as crianças conseguem aprender e por consequência serem felizes.

Tendo em conta os pontos referidos acima, o tema do projeto de investigação é: **A adaptação e o bem-estar em Creche e Jardim-de-Infância.**

Tornou-se fundamental definir os conceitos inerentes ao tema do projeto de investigação, nomeadamente, conceito de *adaptação* e conceito *bem-estar*. “Na língua portuguesa o sentido usual da palavra adaptação, referido em verbete de dicionário, é o de ajuste gradual a novos ambientes, rotina e hábitos” (Houaiss, 2001, cit. por Rossetti-Ferreira e Amorim, 2004, p.11).

Quanto ao conceito de *bem-estar* (Laevers et al., 1997, cit. por Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) defini-o como um,

Estado de conforto emocional da criança, que decorre da satisfação das suas necessidades, físicas, de afeto, de segurança, de reconhecimento e afirmação, de se sentir competente e de se sentir bem consigo própria, com os outros e com o mundo. Existe bem-estar quando as crianças (e adultos) se sentem bem, agem espontaneamente, estão abertos ao mundo e disponíveis, exprimem tranquilidade interior e relaxamento, mostram vitalidade e autoconfiança, convivem bem com os seus sentimentos e emoções e têm prazer em viver.

Para compreender melhor o processo de adaptação das crianças à creche e ao jardim de infância, foi importante abordar a *rotina* em educação de infância - momento de acolhimento - dado que é um momento de separação/adaptação ao contexto. É igualmente importante abordar a relação que se estabelece entre a criança e o(s) adulto(s) da sala. A teoria de Erik Erikson, sobre a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento, ajuda-nos a compreender, através do *Estádio 1- Confiança vs. Desconfiança básica*, o processo pelo qual a criança começa a confiar no adulto e a sentir segurança. Este processo inicia-se primeiramente com a mãe:

El primer logro social del niño, entonces, es su disposición a permitir que la madre se aleje de su lado, es su disposición a permitir que la madre se aleje de su lado sin experimentar indebida ansiedad o rabia, porque aquélla se ha convertido en una certeza interior así como en algo exterior previsible (Erikson, 1993, p.222).

Quando a criança entra na creche ou jardim de infância o educador de infância e a auxiliar de ação educativa acabam por se tornar adultos de referência, os pilares, que no contexto educativo deverão estar sempre disponíveis para atender às necessidades das crianças e assim criar laços de afetividade.

Para a concretização deste relatório, o ponto de partida foi a questão de investigação “*Como promover a adaptação e o bem-estar das crianças em Creche e Jardim de infância?*”.

Com recurso às notas de campo, a conversas informais realizadas com as educadoras, com o inquérito por questionário passado às educadoras cooperantes e com a observação participante, tentarei responder à questão de partida.

O relatório está organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, diz respeito ao **Quadro Teórico de Referência**, no qual menciono os conceitos e teorias fundamentais para a compreensão da temática em estudo.

No segundo capítulo, a **Metodologia do Projeto de Investigação**, abordo o paradigma que orienta a investigação, assim como, menciono os dispositivos e processos selecionados na recolha e tratamento da informação.

No terceiro capítulo, **Apresentação e Interpretação da Intervenção**, descrevo os contextos educativos no qual realizei os estágios, assim como, apresento e interpreto os dados recolhidos em ambos os estágios.

Por fim, no quarto capítulo, estão descritas as **Considerações Finais**, no qual realizo um reflexão sobre as minhas vivências e aprendizagens nos contextos de estágio, assim como, das aprendizagens inerentes ao tema do meu projeto de investigação.

Capítulo I- Quadro teórico de referência

Neste capítulo são evidenciados alguns conceitos e perspectivas de diferentes autores essenciais para uma melhor compreensão do tema em estudo. No entanto, para compreender o processo de adaptação, é necessário abordar a rotina em educação de infância, nomeadamente, o momento de acolhimento, pois, é neste período que se dá uma separação entre a criança e a família.

A segurança emocional da criança – e a possibilidade de estar preparada para estabelecer relações com outras pessoas e objetos é fundamental para o seu desenvolvimento (...) as mudanças que queremos introduzir na vida das crianças pequenas devem estar muito bem – preparadas e convém que sejam graduais, e não bruscas (Bassedas et al., 1999, p.165).

Para a criança, o momento de entrada na Creche é a primeira grande etapa do processo de adaptação, no entanto, este processo também é experiênciado pelos pais. É importante que exista uma rotina inicial à entrada no contexto educativo, como forma de “[...] promover o conhecimento e respeito mútuo e para iniciar uma colaboração sistemática” (Oliveira-Formosinho e Araújo, 2013, p.19).

1. A adaptação e de bem estar em Educação de Infância

A adaptação é um tema incontornável quando abordamos as práticas em educação de infância. É essencial que se perceba que este conceito não se define apenas como um período de tempo que a criança leva para se adaptar a um novo ambiente. Para Rossetti-Ferreira, Vitoria e Goulardins (2001, p.47) “Na creche ou pré-escola, os principais períodos de adaptação da criança, da família e do educador,

ocorrem quando a criança entra na creche, quando muda de turma e quando ela sai da instituição”.

As práticas nos contextos de educação de infância têm um papel crucial na educação das crianças, na medida em que, as ajuda a crescer e a desenvolver a nível global.

Para que a criança seja respeitada e para que o educador de infância consiga trabalhar com o objetivo de criar decisões favoráveis ao seu desenvolvimento, à sua adaptação a novos ambientes e ao seu bem-estar, é importante que, tanto na creche como no jardim de infância, as famílias e as equipas planeiem estratégias que vão ao encontro das necessidades de cada criança.

O momento de adaptação refere-se a um período bastante delicado e especial, no qual, tanto os educadores como as famílias desejam que corra o melhor possível. Por ser um processo delicado, “[...] não dá como negar que as pessoas ficam mais sensíveis neste período. [...] E é justamente essa sensibilidade que pode facilitar ou dificultar as relações entre as pessoas” (Rossetti-Ferreira, Vitoria e Goulardins, 2001, p.48). O processo é facilitado quando os implicados são flexíveis e disponíveis para ouvir o outro, havendo assim uma oportunidade para refletir sobre determinados acontecimentos, como por exemplo, o fato de a criança chorar e chamar constantemente pela mãe. Por outro lado, pode ser dificultado quando “a sensibilidade produz um nível de ansiedade ou nervosismo muito grande” (idem, 2001, p.48) Desta forma, é fundamental que exista um trabalho de equipa, no qual os implicados se mostram disponíveis para “ouvir um desabafo, conversar, orientar, dar apoio aqueles que estiverem precisando, seja uma criança, uma pessoa da família ou um educador” (idem, 2001, p.48).

Quando falamos sobre o conceito de adaptação, associamos a algo que ainda não conhecemos, que não nos é familiar. É um processo que só se dá, porque o sujeito está perante algo que desconhece e, no caso da educação de infância, este processo inicia-se quando a criança se depara com um novo ambiente, no qual, não conhece o espaço nem os adultos que dele fazem parte.

Essa fase inicial, em que criança, família e educador estão se conhecendo, pode durar dias ou meses. Pensando melhor, sempre estarão se conhecendo. Por isso se diz que a adaptação, de certa forma, nunca termina. Digamos que há uma fase em que o desafio é maior. (Rossetti-Ferreira, Vitoria e Goulardins, 2001, p.49)

Reda e Ujiie (2009,p.10083) afirmam que,

Quando falamos em adaptação devemos considerar que sempre que enfrentamos uma situação nova, esse processo se desencadeia. O processo de adaptação, portanto, inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurgue a cada nova situação que vivenciamos.

Por outro lado, Rapoport, Sarmiento, Nörnberg e Pacheco (2008, p.269) referem que o conceito de adaptação diz respeito a um “processo complexo que envolve uma interação e flexibilização de todos envolvidos em busca de seu bem-estar psicológico e social”.

Para Novaes (1975, cit. por Oliveira, 2011, p.17) o conceito de adaptação diz respeito às “[...] modificações necessárias para responder às circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio e, como tal, implica em processo dinâmico referente a tais condições”.

Rossetti-Ferreira e Amorim (2004, p.11) mencionam que “[...] adaptações são parte integrante do desenvolvimento, já que as pessoas estão continuamente se adaptando a novos momentos, ambientes e situações ao longo do ciclo vital”.

De acordo com os autores supramencionados no processo de adaptação, tanto os pais/familiares como a equipa pedagógica, devem trabalhar em conjunto para manter o bem-estar da criança transmitindo-lhe segurança, de modo a que a mesma se sinta confiante e consiga apropriar-se ao novo ambiente. Assim, quando se fala em

adaptação, deve-se ter em conta que não é somente a criança que se adapta, mas também os pais, educadores, a restante equipa e a própria instituição.

O conceito de adaptação é polissémico, no entanto, sabe-se que o tempo de adaptação varia de criança para criança, tornando-se importante que esse tempo seja respeitado. De acordo com Santos e Moura (2012, cit. por Bossi et.al, 2014) os primeiros dias da criança na creche “devem ser tratados como um momento especial e decisivo para a sua permanência na educação infantil. Para muitos bebês, a entrada na creche representa a primeira experiência de cuidado não materno regular” (p.252).

Na minha opinião tanto na Creche como no Jardim de infância, as relações entre a criança e a equipa pedagógica vão-se construindo e, como tal, é importante que haja cooperação entre as famílias, educadora e restante equipa desde a entrada da criança nos contextos educativos. Defendo que este elo entre os membros da equipa e as famílias deva existir desde a entrada das crianças nos contextos educativos, como defendo a importância da criança sentir essa ligação, criando-se um ambiente de felicidade, confiança e bem-estar. Tal como refere Relvas (1996, p.114)

a entrada dos filhos na escola é a primeira crise de desmembramento com que a família se confronta, implicando em termos internos a separação e em termos externos o início da relação com um sistema novo, bem organizado e altamente significativo.

Com a entrada na creche, as crianças podem sentir angústia e ansiedade, por existir um afastamento, mesmo que temporário, do(s) adulto(s) de referência.

A partir do momento em que o bebé é confiado a alguém que não os pais, as interações com estes tornam-se limitadas. O bebé perde os seus pontos de referência e daí uma certa desorganização, inquietude, se não mesmo angústia e sofrimento (Portugal, 1998a, p.19) .

Os sentimentos originados pelo afastamento dos familiares, choro, apatia, entre outros, são atenuados quando a relação e os laços com os adultos se vão construindo e transmitem segurança à criança, no entanto, é um processo que leva o

seu tempo, no qual o educador de infância deve compreender e respeitar a forma da criança se expressar. Ou seja, se uma criança ainda não se sentir à vontade para se envolver nas brincadeiras é importante que o educador e os membros da equipa respeitem essa vontade, tendo em conta que, cada criança leva o seu tempo para se ambientar.

Erik Erikson desenvolveu a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento, cuja primeira etapa definiu como *confiança versus desconfiança* que ocorre entre o nascimento e um ano de idade. Neste estágio a criança ganha confiança quando percebe que a mãe ou substituto responde com regularidade e de forma calorosa às suas necessidades básicas, sentindo-se segura.

Em alguns momentos durante o primeiro ano de vida, os bebês percebem que as suas necessidades são satisfeitas regularmente e de modo gentil e, então, eles concluem que o mundo é um bom lugar. Eles desenvolvem o que Erikson chamou de “senso de confiança básica” (Gonzalez-Mena e Eyer, 2014, p.235-235).

Um exemplo destes momentos pode ser quando a mãe deixa a criança no contexto educativo e volta mais tarde, para a ir buscar. Ou seja, apesar da ausência (temporária) da mãe a criança sabe que a mesma vai voltar, surgindo então o sentimento de *esperança*, estando estabelecido um elo de *confiança* e segurança. O mesmo acontece na relação entre o educador de infância, ou outro adulto da sala/ou outro membro da equipa pedagógica e a criança, à medida que, sente que este compreende as suas necessidades e as satisfaz de forma regular, dando-lhe afeto, cria um sentimento de confiança. Pelo contrário, quando existe uma irregularidade na satisfação dos cuidados da criança ou quando existem momentos frustrantes surge a *desconfiança básica*, ou seja, “se as necessidades dos bebês não são atendidas de forma consistente, ou são atendidas de modo ríspido, eles podem chegar à conclusão de que o mundo não é amigável e desenvolver desconfiança em vez de confiança” (Gonzalez-Mena e Eyer, 2014, p.235).

Deste modo, é importante que, os pais/familiares de referência, o educador, como os restantes membros da equipa pedagógica transmitam à criança segurança e

estabilidade emocional, criando-se um ambiente de conforto, confiança e *bem-estar*, o que, por consequência, irá contribuir para uma adaptação positiva aos contextos educativos.

Faz todo o sentido abordar o conceito de bem-estar quando falamos no processo de adaptação, pois só as crianças que estão adaptadas, seguras e confiantes estão em situação de bem-estar e disponíveis para aprender.

Ao abordar o conceito da *adaptação*, considere importante interligá-lo com conceito de *bem-estar* da criança nos contextos educativos, reconhecendo que uma criança que esteja adaptada ao ambiente que a rodeia, assim como, aos adultos que nele estão inseridos é sinónimo de que se sente segura e feliz. São estes indicadores que informam os educadores se a criança está bem emocionalmente.

Quando observamos a felicidade das crianças nos contextos educativos, podemos deduzir que estas estão em harmonia com o meio envolvente e predispostas às mais diversas aprendizagens que o ambiente lhes proporciona e que os educadores lhes propõem. Segundo Laevers, Moon e Declercq (2012, cit. por Laevers, 2014b, p.157) “crianças em situação de bem-estar se sentem como “peixes na água”. A sensação predominante em suas vidas é o prazer: elas se divertem, apreciam a companhia de outras crianças e se sentem bem em seu meio”.

Segundo Calheiros e Piscalho (2013, p.258)

O bem-estar surge como um comportamento, se assim podemos dizer, de resiliência, felicidade, alegria, autoestima, autoconfiança. Afinal, um estar bem consigo mesmo e com os outros, estando, conseqüentemente, disponível para uma variadíssima gama de estímulos, de novas experiências, descobertas. A criança mostra sinais de satisfação, expressa sentimentos positivos, há um prazer explícito e implícito nas coisas que faz e nas quais se envolve.

De acordo com Portugal e Luís (2016, p.68) “a qualidade das atitudes dos educadores se relaciona com o bem-estar, desenvolvimento e aprendizagem das crianças, sendo o estilo de interação adulta um fator crítico na determinação da qualidade das experiências de aprendizagem das crianças”, ou seja, quando a criança

se sente bem, segura e confiante, reúne todas as condições para se envolver no ambiente do contexto educativo em que se encontra, adquirindo as mais diversas aprendizagens.

Segundo Laevers (2008^a, p.7) o bem-estar pode estar na base de todo o processo de envolvimento da criança, afirmando que, “o bem-estar é uma condição para o envolvimento”. No entanto, este autor também defende que se uma criança não se sentir bem, também consegue estar envolvida e adquirir determinadas aprendizagens mas em condições menos favoráveis que as crianças que estão felizes e em situação de bem estar.

O bem-estar das crianças deve ser reconhecido pelo educador de infância como um fator de atenção, dado que, pode transmitir se as necessidades básicas das mesmas estão a ser satisfeitas. Uma criança que não esteja num nível de bem-estar adequado, no qual, o estado de espírito não seja de harmonia e felicidade, não se irá conseguir vincular ao ambiente envolvente o que não facilitará a sua autoconfiança. “Sinais de falta de bem-estar devem ser levados a sério. Esses sinais indicam que o desenvolvimento social e emocional da criança está em risco” (Laevers, 2014b, p. 157).

Um educador que faça uma observação cuidada do ambiente educativo, assim como, de todas as crianças, consegue ter alguns indicadores que lhe informam sobre o bem-estar da criança. O comportamento das crianças é um indicador de nível de bem-estar das mesmas nos contextos educativos.

O sentimento de bem-estar traduz-se nas reações comportamentais das crianças, ou seja, crianças felizes e seguras de si são aquelas que estão mais aptas para explorarem, iniciarem interações e realizarem aprendizagens significativas. Para Bertram e Pascal (2006, cit. por Portugal e Luís, 2016) “[...] a criança que aprende bem é uma criança que possui um ímpeto exploratório bem nutrido, interagindo de forma aberta, criativa e alegre com o mundo, ampliando o seu conhecimento e compreensão da realidade” (p.68), ou seja nas crianças que estão adaptadas identifica-se um nível de bem estar, segurança e confiança que são essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem.

Como forma de compreender mais aprofundadamente o processo de adaptação, no ponto seguinte é abordado a temática do educador enquanto gestor do currículo, com ênfase na organização do trabalho com as famílias e a organização da rotina. Na rotina será considerado o *momento de acolhimento*, pois, é neste momento que se dá a separação da criança da figura de referência familiar.

2. O Papel do Educador de infância como facilitador do processo de adaptação e de bem-estar

Todos os seres humanos passam por fases de adaptação ao longo da vida e a primeira começa na infância, na qual, existe a necessidade das crianças se adaptarem ao meio envolvente e à sociedade onde estão inseridas. Depois da família, como já foi referido, os contextos educativos são o primeiro contato que as crianças experienciam e que origina a primeira ruptura entre elas e o meio familiar a que estavam habituadas. “[...] o ingresso em um ambiente coletivo de educação infantil ocasiona um “desajuste” da criança, com estranhamento e perturbações, dadas as diferenças deste com o contexto familiar.” (Rosseti-Ferreira e Amorim, 2004, p.11). Para muitas crianças a creche é o primeiro ambiente educativo que frequentam e, no qual, numa fase inicial, tanto o espaço como os adultos que nele coabitam não lhes são familiares. É neste período que as crianças experienciam a adaptação e, como tal, é importante que o educador pense em estratégias que facilitem este processo e visem o bem-estar.

De acordo com o referenciado no Manual de Processos-Chave (2005)

os objectivos da resposta social Creche visam proporcionar o bem-estar e desenvolvimento das crianças dos 3 meses aos 3 anos, num clima de segurança afectiva e física, durante o afastamento parcial do seu meio familiar, através de um atendimento individualizado e da colaboração estreita com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo das crianças. (p.3)

A criança, ao entrar no contexto educativo que não lhe é familiar e ao estar com adultos com os quais nunca interagiu pode sentir-se insegura dado que nada lhe é familiar. No entanto, o trabalho desenvolvido entre os membros das equipas educativas e as famílias pode atenuar essas inseguranças, levando a criança a adaptar-se com maior facilidade à creche ou ao jardim de infância.

Segundo Rosseti-Ferreira e Amorim (2004, p.12) “Para propiciar cuidado e educação infantil de qualidade, impõe-se o pensar na formação e na capacitação contínuas dos profissionais a fim de que estejam preparados para receber as diferentes situações que se apresentam e refletir sobre elas”, pelo que é da responsabilidade do educador de infância, enquanto gestor do currículo, refletir sobre como organizar o momento da entrada de uma criança na instituição de forma a facilitar o momento de adaptação.

Na abordagem à temática da adaptação e bem-estar das crianças, é fundamental a abordagem ao papel do educador enquanto gestor do currículo. No período de adaptação, é importante que o educador reconheça que, “muitas mudanças ocorrem para as crianças. Exploração de um novo espaço e objetos, refeições nas mesinhas do refeitório [...]” (Bertolini e Oliveira, 2001, p.55). Deste modo, a comunicação tanto com os familiares como com as crianças é crucial para que o processo de adaptação vá ocorrendo de uma forma gradual e positiva. “Desafiamos todos a caminhar, depois investimos no desenvolvimento dessa atividade, até iniciar pequenas corridas” (idem, 2001, p.55)

O trabalho desenvolvido em parceria com as famílias é crucial, na medida em que, são os mesmos que conhecem verdadeiramente a criança, factor importantíssimo para se desenvolver um bom trabalho entre a equipa pedagógica e a família, em prol do desenvolvimento e bem-estar da criança. “É fundamental que um educador consiga não só esclarecer as dúvidas que um pai lhe possa colocar, mas também atender às suas necessidades afetivas” (Esteves, 2012, p.35). A família é o pilar na vida das crianças, sendo fundamental a existência de um laço forte e, por consequência, uma boa comunicação, para em conjunto (equipa pedagógica e família) caminharem na mesma direção, a criança.

Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, o comportamento das crianças perante um novo ambiente/espço e com adultos que não lhes são familiares, é dificilmente previsível.

Esta transição merece uma atenção especial por parte do/s educador/a e um planeamento cuidado, de acordo com a situação das crianças e do grupo, tendo em conta a chamada “adaptação” da criança, [...] exige, sobretudo, que o ambiente educativo se adapte às suas necessidades e características (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.100).

Para que o processo de adaptação das crianças seja bem conseguido é importante que exista, também, uma cooperação entre os elementos da equipa pedagógica. Para Hohman e Weikart (2011, p.130-131) “[...] o trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela ação que implica um clima de apoio e de respeito mútuo”, ou seja, todo o trabalho realizado deve ter como objetivo a coerência entre todos trabalham para atingir as mesmas finalidades.

A comunicação entre toda a equipa é fundamental para que toda a prática pedagógica, neste caso, referente à adaptação e bem-estar das crianças, seja bem conseguida. O trabalho em equipa é condição necessária para que as rotinas das crianças corram da melhor forma, de modo a que, se consiga responder às necessidades das mesmas.

Como é referido no Perfil Específico do Educador de infância, Decreto-Lei 241/2011 é notório que o educador de infância desempenha um papel crucial no desenvolvimento e bem-estar das crianças. Este, na organização do ambiente educativo “cria e mantém as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças” (M.E, 2011,p.5574) o que, no âmbito da adaptação é crucial para que esteja facilitada, deixando assim de poder ser uma fase angustiante para todos os envolvidos. Outro factor importante no papel do educador está relacionado com a relação e ação educativa, no qual, o educador “relaciona-se com as crianças por forma a favorecer a necessária segurança afectiva e a promover a sua autonomia” (idem, p.5574), assim como, “apoia e fomenta o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo” (idem, p. 5574). Crianças que tenham um adulto de referência (educador de infância) que lhes dê afeto, carinho e responda de forma eficaz às suas necessidades irá fazer com que estas se sintam seguras no

ambiente educativo e estáveis a nível social e emocional, visto que, vão sentir confiança explorar aquilo que as rodeia.

No processo de adaptação, é essencial que o educador de infância responda aos interesses da criança e do grupo e crie estratégias que vão ao encontro das necessidades das mesmas. O educador de infância, ao trabalhar em conjunto com a restante equipa e também com os familiares das crianças tem que definir estratégias para apoiar as crianças no dia-a-dia, desde a sua chegada à instituição até ao momento de saída, transmitindo-lhes segurança e um ambiente favorável ao desenvolvimento assim como, à aquisição de aprendizagens significativas. Para Katz, (1995, cit.por Portugal, 1998b, p. 196) “o ambiente só pode ser bom para uma criança se ele for também bom para o adulto que trabalha com ela” deste modo, importa que o educador organize o ambiente educativo de forma a proporcionar as mais diversas experiências às crianças, de modo a que, se criem condições de interação entre adulto-criança e criança-criança, de modo a proporcionar um ambiente de qualidade.

Portugal (1998b) acredita que um educador de infância,

deve ser alguém que permite o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através de atenção, gestos, palavras e atitudes. Deve ser alguém que estabeleça limites claros e seguros que permitam à criança sentir-se protegida de decisões e escolhas para as quais ela ainda não tem suficiente maturidade, mas que ao mesmo tempo permitam o desenvolvimento da autonomia e autoconfiança sempre que possível. Deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e responsividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento socioemocional” (p. 198).

Como tal, o educador enquanto gestor do currículo, na organização da rotina deve pensar e organizar o *momento de acolhimento*, como se preocupa e organiza os outros momentos da rotina, pela subtileza de atitudes e ações que este momento exigem por parte dos adultos que recebem a criança e a sua família.

3. O acolhimento das crianças e das famílias em Educação de infância

Até pouco tempo atrás nas creches e pré-escolas e até mesmo nas escolas de ensino fundamental parecia não haver outro jeito: ou as crianças se adaptavam ou se adaptavam. No entanto, isso vêm mudando. As boas instituições de educação têm se preocupado em acolher bem a criança que chega. (Ortiz,2000,p.2)

A organização de uma rotina, que dê resposta às necessidades das criança é uma responsabilidade do educador de infância. De acordo com Gonzalez-Mena e Eyer (2014) é importante que se criem interações entre a criança e o adulto, pois, “relações podem se desenvolver a partir de qualquer tipo de interação, mas especialmente durante aquelas que ocorrem enquanto os adultos estão dando conta das atividades essenciais da vida diária, às vezes chamadas rotinas de cuidados” (p.5).

No período de adaptação de uma criança à creche, e porque é muito difícil começar uma relação que começa com a separação (Winnicott,1986), é de extrema importância que o educador consiga desenvolver uma relação afetuosa e de proximidade com as crianças de forma a transmitir-lhe confiança e favorecer o seu bem-estar. Para uma relação de qualidade, importa que a rotina seja conduzida através da interação adulto-criança, originando sensações de segurança, conforto, tranquilidade e harmonia que proporcionem o desenvolvimento e aprendizagem.

As rotinas em educação de infância são um factor importantíssimo na vida das crianças uma vez que lhes ajudam a criar autonomia, assim como, promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. “Garantir uma rotina equilibrada relaciona-se com a capacidade de prever o que vai acontecer a seguir, o que oferece familiaridade, assegurando maior intimidade em tudo o que está à sua volta, evitando o choro, a inquietude e o desconforto” (Bonança, 2018, p. 4).

Para uma melhor compreensão do significado de rotina em contexto de educação de infância é importante defini-la.

Na perspectiva de Zabalza (1998, p.195) o conceito de rotina diz respeito a “uma estrutura organizacional pedagógica que permite que o educador promova

actividades educativas diferenciadas e sistemáticas de acordo com as experiência que se quiser colocar em prática, além daquelas que surgem naturalmente”.

Para Lino (1998, p.112) o conceito de rotina diz respeito à “organização do tempo de forma a proporcionar às crianças oportunidade de estabelecer diferentes tipos de interação”.

Na perspectiva de Oliveira-Formosinho (1998, cit. por Bonança, 2018, p.4) criar uma rotina é estruturar o tempo num “tempo de experiências educacionais ricas e interações positivas”.

Hohmann e Weykart (2011, p.224) afirmam ainda que, a apropriação da rotina por parte das crianças é uma mais valia, na medida em que, “permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas à “dimensão da criança” no contexto dos acontecimentos que vão surgindo”.

A rotina nos contextos de educação de infância tem início no *momento de acolhimento* e, como tal, importa que este momento seja pensado e organizado como os outros momentos da rotina. O *acolhimento* “[...] é destinado à receção da criança bem como à partilha/troca de informação entre o encarregado de educação, ou outro familiar, e a equipa pedagógica” (Sarmiento, 2016, p.137). Neste momento pode acontecer que, algumas crianças fiquem ansiosas com o momento de separação dos familiares, uma vez que, de acordo com Bowlby (1973, cit. por Cascais, 1998, p.65) “[...] a principal fonte de angústia e aflição é a separação de figuras amadas ou a ameaça de que tal se concretize [...]”. Deste modo, para atenuar esses sentimentos e evitar que seja um momento de sofrimento para as crianças, é importante que, “[...] os educadores dêem às crianças e aos pais as boas vindas e as despedidas de uma forma calorosa e que os apoiem nesse processo de separação e de reencontro” (Post e Hohmann, 2011, p.213).

Para que o momento de separação não seja um processo doloroso a criança teria de ter uma capacidade cognitiva suficientemente forte para conseguir manter a mãe na sua memória enquanto esta não está presente (Bowlby, 1989, cit. por Rapoport & Piccinini, 2001). São diversas as reações que as crianças podem ter quanto à ausência da figura materna, existindo duas distinções para o autor Bowlby (1973-1999, cit. por Rapoport & Piccinini, 2001, p.83), o *protesto de separação* e a *angústia de separação*. De acordo com o autor supramencionado, o *protesto de separação* diz

respeito “à resposta de protesto da criança à situação durante a qual a mãe a deixa” (idem, p.83), a *angústia de separação* “refere-se à resposta da criança por ter sido deixada por sua mãe” (idem, p.83). É importante que o educador receba as crianças de forma calorosa tentando evitar qualquer desconforto nas mesmas ou até mesmo na família. Como referem Post e Hohmann (2011, p.210)

Na hora da chegada, as boas vindas calorosas e descontraídas por parte dos educadores ajudam os bebês e as crianças a terem a certeza de que, mesmo que os pais tenham de se ausentar, eles estão nas mãos de pessoas em quem poderão confiar e que os irão respeitar e deixá-los em segurança até que os pais os venham buscar.

O momento de separação/adaptação ao contexto educativo é um momento bastante delicado, na medida em que, a criança perde os seus pontos de referência, que podem ser os pais ou outro adulto de referência, o que pode tornar este momento angustiante para a criança. Neste período a criança pode apresentar manifestações de diferentes comportamento, no entanto, autores como Truchis (1988, cit. por Portugal, 1998b) “[...]considera que as dificuldades da criança são menores se lhe é permitido um conhecimento progressivo da pessoa que se ocupará dela, sendo o adulto alternativo experienciado como próximo da mãe [...]”(p.183-184). Um trabalho colaborativo entre as famílias e a equipa de sala, irá contribuir para uma fácil integração e participação das crianças na vida da instituição. Para Portugal (1998b, p.185) “A única maneira de a criança lidar com esta situação de forma positiva reside na criação de uma aliança de confiança entre os três elementos de triângulo que são o bebê, a mãe e a educadora”.

De acordo com Brazelton (2009), as separações tendem a ser encaradas como um processo difícil tanto para as criança como para os pais, contudo,

não deixem de preparar o bebê sempre que tiverem de sair. A principio deixem-no por curtos espaços de tempo com alguém que ele conheça e quando regressarem, mostrem- lhe que já voltaram, aumentando gradualmente esses períodos. O bebê está a desenvolver o conceito de independência e o de afastamento, mas à medida que o faz torna-se mais dependente (p.160).

Todas as crianças são diferentes, e como tal, cada uma experiencia o processo de adaptação de forma diferente. Com o intuito de apoiar a criança, é importante que tanto o educador de infância como os restantes elementos da equipa, respeitem os sentimentos manifestados pela criança e a tentem conhecer, como forma de criarem uma relação próxima, de afetividade e confiança.

É na família que se criam os primeiros vínculos que são determinantes para as relações e aprendizagens futuras e, como afirma Magalhães (2007), “a família é um (...) contexto que presta os primeiros cuidados, o afeto e proporciona uma variedade de oportunidades (...)” (p.44). Depois da família é na instituição educativa, que através de uma abordagem intencional e de cariz pedagógico são desenvolvidas as condições para o desenvolvimento de novas relações, aquisição de novas aprendizagens e competências. Ambos os contextos devem ter como objetivo o bem-estar e o desenvolvimento harmonioso da criança e, como tal, é de extrema importância a relação de parceria que se estabelece entre ambos. Acredito que é importante que as equipas da instituição educativa dêem continuidade ao trabalho desenvolvido na família, ou seja, “(...) a escola surge como uma extensão da família, tendo como uma das suas funções alargar e complementar o seu papel educativo (...)” (Lima, 1992, p. 35 citado por Homem, 2002, p.35).

Uma boa relação com as famílias é um factor determinante para promover a participação das mesmas nas instituições educativas, sendo que, como é referido por Oliveira-Formosinho e Costa (2011, p. 36), uma boa relação entre a escola e a família “permite um cruzamento de olhares (os das crianças, dos pais, das educadoras) sobre as marcas dos actos educativos que se foram organizando, das situações educativas que se foram vivendo” e, deste modo, se consegue realizar uma observação relativamente à evolução e desenvolvimento das crianças.

No processo de adaptação é importante reconhecer que o trabalho de parceria entre equipa pedagógica e a família é essencial para que a criança não se sinta insegura no novo ambiente. Para Wallon (sd, cit. por Galvão, 1998, p.100),

o meio é o campo sobre o qual a criança aplica as condutas de que dispõe, ao mesmo tempo, é dele que retira os recursos para sua ação. Com o desenvolvimento ampliam-se as possibilidades de acesso da criança às várias dimensões do meio.

De acordo com a ideia do autor supracitado, a criança deve, de forma gradual, ir conhecendo o novo ambiente em que vai ser integrada, para que o mesmo se vá tornando familiar e o processo de adaptação seja facilitado. Mazano e Pinto (2006, cit. por Pavesi, sd, p.2) referem que,

cada pequeno detalhe do processo de entrada em um espaço social por excelência, certamente, é uma experiência constitutiva do processo de formação do sujeito. Trata-se de uma espécie de transmissão que está posta em questão, a transmissão do que há de humano, de cultural e social disponível no mundo ao qual a criança acaba de adentrar.

É importante que a criança se aproprie do meio para o sentir seu, ou seja, quando o meio se torna familiar, tornasse significativo para a criança, o que, por sua vez, lhe irá trazer segurança. É neste processo que as ações, reações e atitudes dos adultos têm grande influência na criança, na forma como a mesma compreende e vive as situações no ambiente em que se encontra.

Davies e Brember (1991, cit. por Pavesi, sd) afirmam que

A adaptação muitas vezes é difícil não só para a criança, mas também para a família e a educadora, pois, implica em reorganizações e transformações para todos. A forma como este processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas reações da criança (p.2).

Segundo Santos (2012), é importante que os educadores de infância estejam bem preparados para receber as crianças, ajudando-as, com as famílias, no processo de adaptação. Os educadores devem proporcionar experiências e atividades diferenciadas às crianças para que estas se sintam seguras e tranquilas no novo ambiente, neste caso a instituição.

A autora supramencionada defende ainda que os pais têm um papel muito importante neste processo, na medida em que, devem levar as crianças a visitarem a

instituição para que estas se ambientem à nova realidade e se dê então início ao processo de familiarização com toda a equipa e com os colegas. De acordo com Portugal (1998b), os pais também passam por um processo de adaptação, uma vez que para estes, “[...] confiar o seu bebé a uma terceira pessoa não é um processo simples. Ao lado de momentos positivos, existem períodos difíceis, emoções complexas, dolorosas e frequentemente secretas” (p.190).

É importante que tanto os pais como os membros das equipas educativas, transmitam segurança às crianças, de forma a que este processo de adaptação e inclusão se torne significativo e contribua para o desenvolvimento e bem-estar das mesmas. Em determinadas situações, existem familiares que preferem não assistir ao choro/sofrimento dos seus filhos com a sua partida, saindo da sala sem se despedir da criança. No entanto, é importante “[...] que a criança saiba onde a sua mãe ou o seu pai está, em vez de olhar e aperceber-se de que já saiu sem se despedir dele” (Post e Hohmann, 2011, p.218). Segundo Vitória e Rossetti-Ferreira (1993, cit. por Santos, 2012) “O ambiente, as novas rotinas, as pessoas não familiares, as separações diárias e a ausência da mãe colocam às crianças uma significativa exigência social e emocional” (p.32).

O processo de adaptação muitas vezes pode ser lento, como tal, importa que os pais e as equipas trabalhem em conjunto de modo a facilitarem todo o processo de adaptação. Rapaport (2005, cit. por Santos, 2012, p.32) defende que o pai ou a mãe da criança deve ficar na sala nos primeiros dias, mas assim que for possível é importante que se vá afastado (aos poucos) para outros locais próximos da sala mas que sejam visíveis à criança. Este processo deve ser realizado de forma a que a criança já não sinta a necessidade de ter um dos pais ou familiares presentes, sentindo-se assim segura no espaço onde se encontra.

A adaptação da criança ao contexto educativo é também influenciado pelas atitudes dos pais, ou seja, é importante que os pais se sintam seguros e transmitam essa segurança, de modo a facilitar esta nova fase para ambos. Para Brazelton (cit. por Portugal, 1998b) é

[...] fundamental prestar atenção aos potenciais efeitos negativos de uma separação precoce da criança e da família. [...] Se os educadores substitutos pretendem promover uma ligação da criança à mãe e vice-versa, [...] devem dar uma atenção constante ao estado de desenvolvimento e características individuais do bebé e dos pais (p.191).

O novo espaço, os primeiros dias na creche ou no jardim de infância, e as novas rotinas são experiências novas que ambos (criança e pais) irão viver e, por isso, podemos afirmar que os pais também se encontram em fase de adaptação. É nesta fase que a educadora tem um papel determinante, visto que, deve promover segurança e confiança para que os familiares percebam que aquele novo espaço é um lugar seguro e tranquilo para as crianças. Como é referido por Silva (2019, p.18) “É preciso criar pontes, aproximar as famílias e os profissionais, procurar novas formas de fazer o nosso trabalho, de levar o nosso trabalho até ao outro (criar alianças)”. Os familiares também sofrem no momento de separação com as crianças e é importante que os educadores estejam “preparados para encarar o fato de que os pais também enfrentam questões relativas à separação” (Gonzalez-Mena e Eyer, 2012, p.236). Gonzalez-Mena e Eyer (2012, p.236), sugerem algumas estratégias que podem ajudar o educador a criar uma ligação com os pais, ao mesmo tempo que os conforta e tranquiliza, tais como:

- Ser sensível aos sentimentos dos pais;
- Estimular os pais a ligarem durante o dia para verem como a criança está.

Mazano e Pinto (2006, cit. por Pavesi, s.d) referem que:

[...] o tempo de cada criança e de cada família procura ser respeitado. Não há regras ou normas fixas sobre o tempo que cada pai deve ficar na creche acompanhando seu filho. A educadora avalia junto com o pai este tempo, a partir de uma observação cuidadosa da criança. Ou seja, a própria criança também pode dizer a sua maneira sobre o tempo necessário para que se sinta tranquila e confortável sem a presença dos pais [...] (p.5).

O tempo que as crianças demoram a adaptar-se ao contexto educativo deve ser respeitado, e encarado como um processo gradual. A criança deixa de estar tanto tempo com os pais e passa a estar mais tempo com a educadora e as auxiliares da sala. Um dos membros da equipa irá tornar-se uma figura de referência para a criança e é nesse figura de referência que a criança irá procurar afetos e conforto.

O papel dos educadores é crucial durante o período de adaptação das crianças, estes devem ter uma postura que transmita conforto, tranquilidade, segurança carinho e atenção, pois só assim conseguirão estabelecer bons laços tanto com as crianças como também com as famílias. Para Rapoport (2005, referido em Santos, 2012)

A ação pedagógica das educadoras pode ser considerada um dos fatores mais relevantes em termos da adaptação dos bebés [...]. A qualidade dos cuidados depende em grande parte da habilidade de as profissionais prestarem atenção em cada um e levarem em conta as reações individuais dos bebés [...] (p.37).

Uma vez que na creche e no jardim de infância as crianças e os adultos estabelecem uma relação privilegiada há que valorizar a importância que os educadores de infância têm nesta fase da vida da criança. A adaptação aos contextos educativos, pode ser uma fase difícil pelo qual a criança passa e, como tal, os educadores devem arranjar estratégias que visem o bem-estar e vão ao encontro das necessidades de cada criança.

Capítulo II – Metodologia

Com o intuito de se compreender o trabalho de investigação desenvolvido durante a frequência do Mestrado em Educação Pré-Escolar, é fundamental fazer uma fundamentação sobre a metodologia utilizada. Desde modo, no presente capítulo encontra-se descrita a metodologia de investigação-ação, como uma das metodologias da investigação qualitativa, assim como, o paradigma interpretativo.

1.1. O paradigma Interpretativo e a Investigação Qualitativa

A presente investigação foi realizada num cenário natural, no qual, eu, enquanto estagiária, tentei compreender e intervir na problemática em estudo. Tendo em conta que a pesquisa foi realizada em contextos de educação de infância, posso afirmar que o presente estudo se enquadra no paradigma interpretativo que, de acordo com (Walsh, et al, cit. por, Gonçalves, 2012, p.27) “[...] é o que melhor se coaduna com o campo educativo”.

Guba (1990, cit. por em Aires, 2011, p.18) caracteriza o paradigma interpretativo como “um conjunto de crenças que orientam a ação”. São essas mesmas crenças que irão ajudar o investigador a fazer uma leitura minuciosa e rica sobre o meio que está a observar. Aires (2011) refere ainda que, “depois de definido o paradigma em que se insere a investigação e de o dirigir para um problema empírico concreto, o investigador orienta-se, agora, para a fase seguinte do processo de pesquisa” (p.20). Este processo de pesquisa, segundo (Le Compte e Preissle, 1993, cit. por Aires 2011, p. 20) “inicia-se com uma abordagem clara do âmbito da realidade a pesquisar, os objetivos do estudo, a informação adequada às questões específicas da pesquisa e as estratégias mais adequadas para obter a informação necessária”. As estratégias utilizadas pelo investigador, irão fazer com que sejam utilizadas técnicas de recolha de informação que lhe permitirão fazer uma leitura mais rigorosa sobre a realidade envolvente e, posteriormente, pensar nas estratégias a desenvolver de modo a melhorar o problema detetado.

Uma vez que a investigação qualitativa é descritiva e está inserida num paradigma interpretativo, Bogdan e Biklen (1994) definem a mesma como sendo

“uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (p.11).

Numa tentativa de se compreender melhor a investigação qualitativa, os autores supramencionados definiram cinco características presentes na mesma, que estão patentes neste estudo:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal. Os investigadores despendem grande parte do seu tempo nos locais onde decorre a investigação procurando esclarecer questões educativas e utilizam tanto blocos de notas como equipamentos multimédia para recolher dados importantes;

2. A investigação qualitativa é descritiva. Apresenta-se com um carácter descritivo, visto que, a recolha de dados é feita em forma de palavras ou imagens, passando por transcrições rigorosas de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, registos oficiais, entre outros. Os investigadores fazem a análise dos dados em todos os aspetos e em toda a riqueza que possuem, tendo em conta que, *nada é considerado um dado adquirido e nada escapa à avaliação* (idem, p.49);

3. Os investigadores qualitativos demonstram maior interesse pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Estudam e analisam todo o processo e a forma como ele se desenvolve, como forma de compreenderem como o mesmo influencia as atividades, os procedimentos e as interações;

4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. As ideias vão sendo desenvolvidas à medida que os investigadores vão recolhendo informação;

5. O significado é de extrema importância na abordagem qualitativa. Os investigadores, demonstram interesse no modo como as pessoas dão sentido às suas vidas e designam esse mesmo interesse por “perspetivas participantes”. *Ao apreenderem as perspetivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior* (idem, p.51).

A investigação qualitativa permite que o investigador seja flexível e não limite as suas observações. Dá a liberdade ao investigador de compreender o meio envolvente, bem como os sujeitos que nele estão inseridos e permite também que se desencadeie uma mudança social. Esta mudança social só é desencadeada, uma vez que, se vai em busca de soluções para as fragilidades detetadas.

Em educação, esta metodologia é frequentemente utilizada e permite que o educador consiga refletir sobre a sua prática educativa e, conseqüentemente proceder a mudanças ou ajustar à realidade do momento. É o processo reflexivo que permite ao educador perceber o que não está a funcionar de forma mais adequada e pensar em estratégias que permitam que haja uma mudança.

Seguindo a linha de pensamento supramencionado, para Alves e Azevedo (2010) a metodologia de investigação qualitativa é “[...] aquela em que melhor se compreendem os fenómenos educacionais, apreendendo-os na sua complexidade e dinâmica”(p.24-25).

Segundo Bogdan e Biklen (1994) é de extrema relevância

que os investigadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços concertados para compreender vários pontos de vista. O objetivo não é o juízo de valor; mas antes, o de compreender o mundo dos sujeitos e determinar como e com que critério *eles* o julgam (p.287).

Em suma, depois de serem enunciadas as características que definem a investigação qualitativa e de compreendermos como a mesma se desenvolve no âmbito da educação, é importante clarificar que esta se encontra subdividida em vários tipos de investigação. Para este projeto, a investigação mais adequada e relevante é a metodologia de investigação-ação.

1.2. Metodologia de Investigação-Ação

Como forma de compreendermos o que trata esta metodologia importa, antes de mais, perceber que a “investigação-acção consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 292).

É uma metodologia socioeducativa que, permite ao educador enquanto investigador através da reflexão e intervenção fazer alterações na prática educativa. Nesta metodologia, as situações identificadas são analisadas para, posteriormente, serem adoptadas estratégias que visem transformações significativas.

Sanches (2005) define a investigação-ação (I-A) “como produtora de conhecimentos sobre a realidade, pode constituir-se como um processo de novas realidades sobre o ensino, pondo em causa os modos de pensar e de agir das comunidades educativas” (p.130). O investigador, para além de ser um participante ativo, pode questionar-se sobre os factos observados e refletir se os mesmos se adequam ou não à realidade. Detetar uma problemática não é julgar os sujeitos que a originaram, mas sim compreender o porquê de tal situação, e tentar promover uma evolução/solução.

Para Moreira (2001, cit. por Sanches, 2005, p.130) “a investigação-acção tem revelado constituir uma intensificação da prática reflexiva, pois, combina o processo investigativo e a reflexão crítica com a prática de ensino, tornando esta mais informada, mais sistemática e mais rigorosa”.

Coutinho et al. (2009, p. 362) destaca as seguintes características constituintes da investigação-ação:

- **Participativa e Colaborativa-** Todos os investigadores são agentes ativos na pesquisa e trabalham com todos os sujeitos presentes nas investigação. *O investigador não é um agente externo que realiza investigação com pessoas, é um co-investigador com e para os interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade;*
- **Prática e interventiva-** O investigador não se limita apenas em descrever os factor observados, o mesmo intervém nos contextos onde a

investigação está a ser realizada, para que haja uma mudança. *A acção tem de estar ligada à mudança, é sempre uma acção deliberada;*

- **Cíclica-** É uma metodologia que trabalha em torno de ciclos, possibilitando que as descobertas iniciais permitam alcançar melhorias. *Temos assim um permanente entrelaçar entre a teoria e a prática;*
- **Crítica-** Os investigadores (...) *actuam como agentes de mudança, críticos e autocríticos (...)* Mudam o seu ambiente e são transformados no processo;
- **Auto-Avaliativa-** Todos os processos de modificação são constantemente avaliados *numa perspectiva de adaptabilidade e de produção de novos conhecimentos.*

Neste tipo de investigação, os destinatários têm a possibilidade de saber e decidir quais as mudanças que querem fazer. Sanches (2005, p.131) diz que “para que essa mudança seja efectiva, é necessário compreender a forma como os indivíduos envolvidos vivenciam a sua situação e implica-los nessa mesma mudança, pois são eles que vão viver com ela”.

Na imagem que se segue, observamos as fases em que se desenvolve a I-A “*e que, basicamente, se resumem na seguinte sequência: **planificação, acção, observação** (avaliação) e **reflexão** (teorização)” (Coutinho et al, 2009, p.366). Estes procedimentos circulares vão dar início a um novo ciclo, que irá criar novas espirais “de experiências de acção reflexiva” (idem,p.366).*

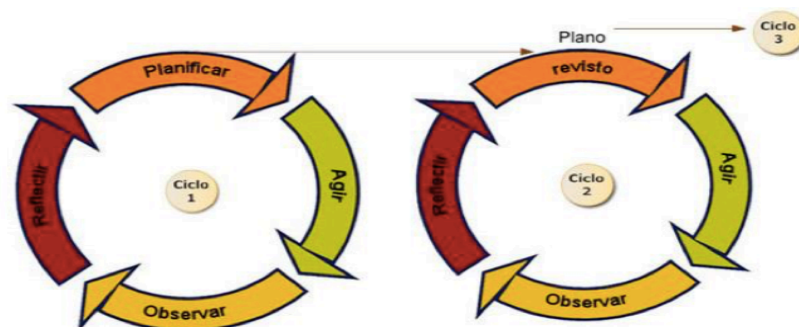


Figura 1 Espiral de Ciclos da Investigação-Ação (Coutinho et al., 2009,p.366)

É uma metodologia com um processo de longa duração, onde o investigador vai colaborar com as pessoas que estão envolvidas no meio onde a investigação está a ser desenvolvida. A problemática detetada no terreno, visa desencadear uma mudança social através de estratégias que o investigador vai delineando ao longo do processo, ou seja, as estratégias não são previamente estipuladas, ocorrem ao longo do estudo e são negociadas entre todos os intervenientes. O investigador é um sujeito participante e, após uma longa observação e reflexão, o mesmo faz uma análise crítica com o objetivo de compreender as práticas. Para a análise ser minuciosa é necessário que o investigador utilize instrumentos de recolha de informação, para que os dados sejam o mais próximo possível da realidade.

Corey (1953, cit. por Afonso, 2005, p. 74) define este tipo de investigação como: “um processo através do qual os “práticos” procuram estudar os seus problemas cientificamente, com o objetivo de orientar, corrigir e avaliar as suas decisões e acções”.

Concluindo, a investigação-ação em educação tem como objetivo detetar e resolver fragilidades, permitindo que o educador consiga pensar e refletir sobre a sua prática educativa, mudando-a significativamente (para melhor).

1.3. Procedimentos de recolha e tratamento de informação

Definido o tema para a realização do projeto de investigação e tendo como ponto de partida a pergunta de investigação, que partiu de uma situação-problema detetada no estágio, foi importante fazer um levantamento das técnicas de recolha de informação.

Existem diferentes procedimentos de recolha e análise de informação, no âmbito da investigação-ação, a seleção das técnicas “constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo” (Aires, 2011, p.24). Enuncio de seguida técnicas que selecionei para a realização deste estudo.

- **Observação Participante**

Através de um contato direto, o investigador tem a oportunidade, de recolher a informação de forma minuciosa e perceber a situação que está a vivenciar sem fazer juízo de valores. Segundo Aires (2011) “o observador não manipula nem estimula os seus sujeitos” (p.25). Adler e Adler (1994, cit. por Aires, 2011,p.25) afirmam ainda que a observação é “[...] naturalista; pratica-se no contexto da ocorrência, entre os actores que participam naturalmente na interação e segue o processo normal da vida quotidiana”.

No presente estudo, esta técnica de recolha de dados tornou-se imprescindível, visto que, grande parte da informação recolhida foi através da observação. Reconhecendo que, esta técnica permite ter uma maior percepção da realidade, posso afirmar que partilho da mesma opinião do autor Máximo-Esteves (2008, p.87) que acredita que “a observação permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto”.

Para que haja um observação participante, Bell (1997) defende que o investigador precisa ser aceite pelos sujeitos em estudo “ o que pode significar ter de fazer o mesmo trabalho, viver no mesmo ambiente e condições que eles” (p.25). Tal como aconteceu no estágio, eu, estagiária tive que ser aceite pelas educadoras cooperantes e pelas crianças para conseguir realizar esta investigação.

- **Notas de Campo**

As notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso” (Bogdan e Biklen, 1994,p.150). É através das notas de campo que o investigador tem informações para conseguir dar seguimento ao seu estudo.

Para os autores supramencionados, as notas de campo definem-se em duas etapas:

- ✓ Descritivo: O investigador tem que relatar por escrito e de forma pormenorizada tudo o que vai observando e ouvindo;
- ✓ Reflexivo: O investigador reflete sobre o que escreveu e tira as suas próprias conclusões.

Ao longo do estágio, optei por escrever as notas de campo no final de cada dia, visto que, se escrevesse no momento em que estava a fazer as observações, provavelmente iria perder alguns detalhes significativos.

- **Inquérito por Questionário**

Para Carmo e Ferreira (2008, p.139) um inquérito é “ um processo em que se tenta descobrir alguma coisa de forma sistemática”, no qual o investigador não interage de forma direta com os inquiridos.

Nos inquéritos por questionário deve-se:

respeitar-se o conjunto de procedimentos habitual para qualquer investigação: definir rigorosamente os seus objetivos; formular hipóteses e questões orientadoras, identificar as variáveis relevantes, selecionar a amostra adequada de inquiridos, elaborar o instrumento em si, testá-lo e administrá-lo para depois poder analisar os resultados (Carmo e Ferreira, 2008, p. 137).

Optei por utilizar esta técnica, para compreender qual a concepção das educadoras em relação ao tema deste projeto.

Para Afonso (2005, p.103) a informação recolhida “consiste não no que as pessoas pensam, mas sim no que elas dizem que pensam, não no que as pessoas preferem, mas sim no que elas dizem que preferem”.

Deste modo, tentando ir ao encontro das características de formulação de um questionário e com o intuito de compreender a concepção das educadoras cooperantes em relação ao meu tema de investigação, enunciei as seguintes questões:

1. *Há quantos anos é educadora de infância em creche/ Há quantos anos é educadora de infância em ji?*
2. *Qual a sua concepção sobre a adaptação?*
3. *Qual o papel do educador de infância durante a fase de adaptação da criança à creche/ji??*
4. *Que estratégias utiliza para promover a adaptação das crianças?*

Explicitando qual o meu objetivo com cada questão, importa referir em relação à primeira questão, *1. Há quantos anos é educadora de infância em creche/ Há quantos anos é educadora de infância em ji?*, o principal objetivo era o de ter uma noção de há quanto tempo as educadoras cooperantes exerciam, ou exerceram, a sua prática em cada contextos.

A questão *2. Qual a sua concepção sobre a adaptação?*, surgiu no âmbito de tentar compreender qual a concepção das educadoras cooperantes em relação ao tema da adaptação.

A questão *3. Qual o papel do educador de infância durante a fase de adaptação da criança à creche/ji??*, surgiu com o intuito de compreender a importância que o educador de infância tem durante o período de adaptação das crianças.

Por último, a questão *4. Que estratégias utiliza para promover a adaptação das crianças?*, tinha como objetivo compreender quais as estratégias utilizadas pelas educadoras cooperantes no processo de adaptação.

Após receber as respostas das educadoras aos inquéritos por questionário optei por organizá-las e analisá-las por categorias tendo em conta as temáticas das perguntas (ver apêndice 1.3), uma vez que, segundo Henry e Moscovici (1968, cit. por Bardin, 1977, p. 33), “tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo”.

Capítulo III- Apresentação e Interpretação da intervenção

No presente capítulo descrevo os dois contextos educativos, no qual realizei os estágios. assim como os dois grupos que acompanhei em creche e jardim de infância. Descrevo e interpreto algumas intervenções realizadas nos contextos de estágio, que considero mais relevantes para a compreensão do tema do projecto. De salientar que as minhas intervenções não foram planificadas, intervi nos momentos em que as situações aconteciam, no entanto fiz sempre reflexão depois da ação quer individualmente quer nas reflexões cooperadas com a educadora cooperante.

1. Contexto de Creche- Instituição A¹

A instituição “A”, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e está tutelada pela Santa Casa da Misericórdia não tendo qualquer finalidade lucrativa.

De acordo com o Projeto Educativo da instituição, a mesma tem como missão dar resposta às necessidade das famílias da comunidade, sobretudo as mais carenciadas “assumindo-se como um complemento das famílias no processo de crescimento e desenvolvimento das crianças.” (Projeto Educativo, p.5) Para essa mesma resposta ser conseguida com êxito, as famílias de cada criança, que frequenta a instituição, pagam a mensalidade de acordo com os seus rendimentos.

Tendo em conta o documento supramencionado, em Janeiro de 1981, quando esta instituição entrou em funcionamento, só existia uma sala para crianças de 2/3 anos de idade e três salas de jardim-de-infância, uma vez que, nesta época trabalhava-se com grupos horizontais. Nesta época, como existia uma área que ainda não estava totalmente equipada, a instituição não conseguiu dar logo resposta para funcionar com salas de berçário e salas para crianças entre os 12 meses e os 2 anos de idade. Em 1985/86 foi inaugurada a valência de A.T.L., com intuito de dar apoio à população de um bairro que tinha sido construído na zona, ao qual a maioria da população, não tinha qualquer tipo de rendimento extra, vivia de pensões e vinha de ex-colónias. No

¹ A descrição da instituição “A” aqui apresentada foi adaptada do meu dossier pedagógico da U.C.

entanto, com o aumento da população o A.T.L. não teve capacidades para dar resposta à comunidade, encerrando no ano de 2006.

Atualmente a instituição funciona num horário alargado das 7h30 às 19h00, funcionando com duas valências:

- a de Creche, que tem capacidade para acolher 80 crianças e conta com 6 salas que se dividem em: 1.º Berçário (3 aos 12 meses), o 2.º Berçário (12 aos 24 meses) e as salas Parque (entre os 2-3 anos);
- a de Jardim-de-infância, que tem capacidade para acolher 75 e conta com 3 salas de atividades.

Relativamente ao espaço exterior, é bastante amplo o que permite às criança o contato com a natureza. No espaço exterior existe uma horta, perto do jardim, que é utilizada quer pelos adultos quer pelas crianças quando existe oportunidade de semearem algo. Segundo a coordenadora da instituição, tudo o que é colhido é vendido aos pais e o dinheiro serve para o Centro Infantil comprar, por exemplo, materiais para trabalhar com as crianças.

A instituição “A” disponibiliza atividades extracurriculares, nomeadamente, aulas de psicomotricidade dadas por um professor da área que semanalmente vai à instituição.

No que diz respeito à constituição da equipa da instituição, a mesma é composta por uma diretora e por coordenadora pedagógica, ambas licenciadas em Educação de Infância. Estes dois membros da equipa são responsáveis pela gestão do estabelecimento, no entanto, a coordenadora pedagógica também define e apresenta às restantes profissionais o Projeto Educativo da Instituição. A equipa das salas é constituída por sete educadoras de infância, doze auxiliares de ação educativa e seis ajudantes de ação educativa, todas distribuídas entre a Creche e o Jardim-de-infância. Quanto à equipa pedagógica da sala onde realizei o estágio, esta era composta por uma educadora, e duas auxiliares de ação educativa, sendo que uma vai intercalando o trabalho entre as duas salas de 2.º Berçário.

1.1.Caracterização do grupo

A sala onde realizei o estágio, designada de sala Turquesa (2.º berçário) era constituída por 14 crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses, das

quais 8 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino. Inicialmente, pelas informações que recolhi, apenas duas crianças do grupo se encontravam em fase de adaptação, tendo em conta que era a primeira vez que frequentavam a creche. O restante grupo estava junto desde o 1.º Berçário, no entanto, como a educadora não os acompanhou nessa primeira fase teve algumas dificuldades em conseguir que o grupo se adapta-se a si. Estas dificuldades foram ultrapassadas ao longo das primeiras semanas do início do ano e o grupo foi estabilizando.

De forma global, o grupo da sala Turquesa era um grupo meigo, bem disposto e bastante curioso em relação a tudo o que os rodeava. Era um grupo bastante comunicativo, no entanto, nesta fase ainda era visível alguma dificuldade em partilhar.

1.2. Rotina da sala

A organização da rotina da sala, no qual realizei o estágio encontrava-se dividida em diversos momentos.

O *acolhimento* (das 7h30 às 9h) - neste período da manhã as crianças eram recebidas por uma auxiliar na sala. Neste momento, por regra geral as crianças brincavam com brinquedos que traziam de casa ou com os brinquedos que tinham disponíveis na sala e que se encontravam ao seu alcance.

O *momento de exploração livre* (das 9h às 10h) - este é o momento em que a educadora da sala chega e é também a altura em que as crianças podem explorar a sala e os materiais que tenham à sua disposição, de forma livre.

O *momento das atividades orientadas* (das 10h às 10h40) - tempo de grande grupo e de atividades planeadas pela educadora. Todas as atividades que pude observar neste período da manhã foram propostas pela educadora, no entanto, caso o grupo se mostrasse recetível ao que estava a ser proposto a educadora deixava-os brincar até à hora de almoço.

O *momento da manta* - é um momento de retorno à calma temos o momento da manta, que ocorre pouco antes da hora de almoço das crianças. Nesta altura a educadora conta histórias e canta para o grupo enquanto a auxiliar coloca os catres na sala.

O *momento da refeição* (das 11h às 12h) – este momento ocorre no refeitório, onde, as crianças são distribuídas por duas mesas, ou seja, os que já comem sozinhos ficam numa mesa diferente dos que ainda precisam de ajuda.

O *momento da higiene* - depois de almoço, as crianças vão novamente para a sala, dando-se início a este momento num espaço destinado para esse efeito, o fraldário.

O *momento da sesta* (das 12h30 às 15h) - depois do momento da higiene as crianças dirigiam-se aos respetivos catres para fazerem a sesta. Às 15h as crianças começavam a acordar , dando-se início outro momento de higiene e posteriormente o segundo momento de refeição, o lanche.

O *momento de entrega às famílias* (a partir das 16h) – depois do lanche as crianças regressam à sala onde brincam até à chegada dos seus familiares. A partir das 16h a educadora entra na “hora indireta” no qual se reúne com as restantes educadoras numa sala enquanto a auxiliar da sala toma conta do grupo.

Todos os momentos da rotina são importantes e tanto o educador como a restante equipa devem estar presentes e serem capazes de dar resposta às necessidades das crianças, contribuindo para o bem-estar das mesmas.

As rotinas devem ser organizadas e pensadas para e com as crianças de modo a que estas façam sentido para as mesmas, assim como, para os educadores, membros da equipa e até mesmo para as famílias. Todos os momentos da rotina são importantes no momento da adaptação e são propícios para criar laços com as crianças e uma boa relação entre ambos é essencial para um ambiente educativo de qualidade.

Através das minhas observações e de conversas informais com a educadora cooperante percebi que existia uma preocupação, por parte da instituição, da educadora e dos restantes membros da equipa, em proporcionarem momentos de bem-estar e tranquilidade. Quando as crianças estão em fase de adaptação são utilizadas estratégias, com foco no *momento do acolhimento*, para atenuar a angústia da separação, tanto para as famílias como para a crianças. “A angústia de separação como reação imediata do bebé à separação da mãe ou de outra figura de ligação pode incluir choro, chamar a mãe ou procurar a mãe” (Portugal, 1998a, p.79).

Para atenuar os momentos de angústia, a educadora cooperante mencionou que são adoptadas estratégias durante o período de adaptação das crianças, dos quais a educadora tem como preocupação:

- a criação de laços afetivos com a criança;
- dar a conhecer à criança e à família o novo espaço (sala e toda a instituição);
- dar a conhecer a organização das rotinas e das regras;
- familiarizar a criança com a equipa e com o grupo.

Durante o período de adaptação, a educadora referiu ainda que, nos primeiros dias da criança na instituição, é combinado com a família que o momento de acolhimento seja realizado a partir das 9 horas, de forma a que seja a educadora a receber a criança.

Durante o período de estágio e em conversas informais com a educadora cooperante, a mesma referiu que, apesar de considerar o *momento de acolhimento* tão importante como os restantes momentos da rotina, a mesma afirmava que neste período da manhã não existia uma atenção e um planeamento como acontecia com os outros momentos da rotina. Não existia um planeamento, nem um trabalho de equipa entre a educadora e a auxiliar de ação educativa, apenas estava estipulado, isto pela instituição, que até à entrada das educadoras, às 9h horas da manhã quem estava presente na sala para acolher as crianças era uma auxiliar da sala ou não. De acordo com as minhas observações, os horários das auxiliares eram rotativos, logo, nem sempre era a auxiliar de sala que recebia o grupo, ou seja, por vezes as crianças eram recebidas por uma auxiliar com o qual não tinham qualquer tipo de ligação. Enquanto futura educadora acredito que este fator pode ter influência no processo de adaptação das crianças, uma vez que, estas são acolhidas por um adulto que não é o adulto de referência, o que pode criar uma maior situação de stress e angústia.

Um momento de acolhimento trabalhado em equipa irá fazer com que as estratégias delineadas tanto pela educadora como pela auxiliar de sala sejam cumpridas em prol do bem-estar das crianças. Para isso, acredito que, na ausência da educadora, deva ser a auxiliar de sala a receber as crianças à chegada à instituição, para que estas tenham um adulto de referência presente na ausência dos pais. Deste modo, “conceber projetos ambiciosos e concretizá-los satisfaz aquelas que buscam em

uma equipa, antes de tudo, um meio para multiplicar sua capacidade de ação ou de viver aventuras apaixonantes” (Perrenoud, 2000, p.89).

No decorrer das minhas observações, constatei que era durante o acolhimento que existia uma maior partilha de informação sobre a criança. Foi no início da manhã que observei alguma partilha de informação entre os pais e a educadora, embora tenha observado também partilha de informação numa reunião de pais e ao final do dia, já por parte da auxiliar de ação educativa. Enquanto futura educadora, acredito que a partilha de informação é essencial para que se crie uma relação de confiança com as famílias. Neste contexto acredito que uma boa forma de criar uma comunicação mais aberta e diária para os pais poderem, mesmo de forma indireta, participarem no dia-a-dia das crianças, seria a utilização de cadernos individuais, onde seriam descritas informações pertinentes, ou até mesmo via correio electrónico. Post e Hohmann (2011) acreditam que “os educadores possuem uma riqueza de histórias e observações sobre a criança a serem partilhadas com os pais” (p.350).

2. Contexto de Jardim de infância - Instituição B²

A instituição “B”, é uma instituição privada, de ensino particular, laico, criado a 21 de setembro de 1992, que contempla as valências de Creche, Jardim de Infância (JI), 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico. No entanto, inicialmente a instituição funcionavam apenas com as valências de creche, jardim de infância e 1.º Ciclo. No ano 2003 foi inaugurado um novo polo destinado ao 2.º e 3.º Ciclos dos Ensino Básico, englobando mais de 2 salas e um laboratório.

Quanto ao espaço exterior, em 2008 o mesmo viria a ser remodelado, no qual se melhorou o campo de ténis, criou-se uma pista para a prática de atletismos e cobriu-se o pavimento do campo de jogos com um tapet de relva artificial.

Relativamente aos objetivos gerais o jardim de infância fundamenta-se “na Lei de Bases da Educação Pré-Escolar, nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar-2016, na Metodologia de Projeto, nas dinâmicas essenciais do Movimento da Escola Moderna” (Projeto Educativo, 2017/18, p.43)

² A descrição da instituição “B” aqui apresentada foi adaptada de uma produção académica realizada por mim no âmbito da U.C. Seminário de Investigação e Projeto II

Segundo o projeto educativo da instituição, o jardim de infância é um lugar estruturado em função das crianças, isto é, vai ao encontro dos interesses e necessidades das mesmas com o objetivo de lhes inculcar valores e normas que lhes ajudem a alcançar sucesso tanto a nível escolar como na vida em geral.

A instituição dispõe ainda de atividades extracurriculares dadas por profissionais específicos de cada área, como por exemplo, professores de inglês (que se deslocam às salas para lecionarem a matéria), professores de educação física e professores de natação.

2.1. Caracterização do grupo

Quanto ao grupo que acompanhei no estágio em jardim de infância, o mesmo era homogéneo constituído por 8 rapazes e 10 raparigas, com idades compreendidas entre os três e quatro anos. De acordo com a educadora cooperante, o grupo apresentava características de desenvolvimento adequadas à faixa etária, no entanto existiam crianças que se destacam relativamente à riqueza do vocabulário e à forma como comunicam. No geral o grupo era, participativo chegando mesmo a apresentar um certo à vontade com outros adultos que desconheciam. Esta minha afirmação, baseia-se no facto de o grupo não ter estranhado a minha presença no contexto, tendo reagido com naturalidade. De acordo com algumas observações realizadas durante estágio, fui-me apercebendo que o grupo era bastante curioso e apresentava uma grande vontade em querer saber mais sobre determinados assuntos. Demonstravam interesse pelas espaços e materiais que estavam à disposição na sala, por atividades propostas pela equipa pedagógica, e chegam mesmo a propor projetos.

2.2. Rotina da sala

Quanto à organização da rotina, a mesma está planeada de acordo com a agenda da sala (planificada com as crianças) e em função das atividades extracurriculares.

Apesar da existência de atividades extracurriculares, a educadora cooperante que se regia pelo modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna, organizava a

rotina da sala de maneira a que as características deste modelo fossem trabalhadas com as crianças.

A rotina da sala apresentava dois momentos distintos, o momento da manhã e o momento da tarde. O momento da manhã, após o momento do acolhimento, iniciava com o Conselho de Cooperação onde se davam as partilhas entre o grupo e se planificava (atividades de grupo ou individuais) em conjunto com as crianças o dia, registando-se tudo em ata. No período da manhã e após o Conselho de Cooperação era dado início às atividades planificadas em sala ou em dias que houvessem atividades extracurriculares, as planificadas com as crianças reservadas para mais tarde. No momento da tarde as crianças reuniam-se para falarem sobre o que tinha acontecido durante a manhã e, posteriormente a essa reunião podiam brincar nas áreas que quisessem, ou até mesmo ir para o exterior, se o adulto, educadora ou auxiliar, assim o decidissem.

A rotina da sala era consistente e flexível, uma vez que a equipa trabalha para que esta tenha a mesma sequência (diariamente) com o objetivo de transmitir às crianças segurança e estabilidade. Para Zabalza (1998, p.174) “as rotinas são, como capítulos, o guião da vida diária” das crianças. A planificação de um rotina ajuda na afirmação de “regras, limites e acordos que garantem o desenrolar fácil das atividades na sala e um máximo de liberdade para cada criança.” (Portugal e Laevers, 2010, p.16)

Assim, a organização da rotina na sala de jardim de infância, onde estagiei encontrava-se estruturada em 10 momentos³ distintos:

O acolhimento (das 7h30 às 9h)- Este momento tinha início às 7h30 na Sala Azul, onde as crianças de Creche e Jardim de infância eram recebidas e a partir das 8h00 as crianças iam para um espaço lúdico (espécie de polivalente com escorregas e outros materiais) até às 9h, hora em que as educadoras das salas chegavam ao colégio. A partir das 9h, já na respetiva sala, a educadora e os membros da equipa pedagógica davam continuação ao acolhimento. Nesta continuação do acolhimento, observei grande atenção por parte da educadora, ou da auxiliar, em relação aos pais e às crianças. Dado que cada criança tem a sua forma de lidar com o momento da separação é importante que um dos membros da equipa pedagógica esteja disponível

³ A descrição aqui apresentada foi adaptada de uma produção académica realizada por mim no âmbito da U.C. Estágio em Educação de Infância II

para que este momento seja seguro para a criança. Era neste momento que eram recolhidas todas as informações necessárias que iam permitir dar resposta às necessidades de cada criança.

A **planificação em conselho** - este momento era feito em grande grupo, para que as crianças tivessem a oportunidade de decidirem o que queriam fazer nesse dia (que posteriormente é escrito no diário de grupo). Neste momento era dada a oportunidade às crianças para fazerem partilhas, ou seja, sempre que traziam algo de novo para a sala podiam mostrar e explicar o que era ao grupo.

O **momento da merenda da manhã** - é um momento que dura cerca de 15 minutos, no qual o grupo faz uma pequena refeição (fruta, bolo ou bolacha) e onde os responsáveis pelas tarefas cumpria a tarefa de “dar a merenda” aos amigos.

O **momento das atividades e/ou projetos** - neste momento eram realizadas atividades em pequeno ou grande grupo, o que de certa forma permite que as crianças explorem de forma ativa os materiais que têm à sua disposição. São também feitas propostas por parte da educadora, tendo em conta os interesses do grupo, que podem ser realizadas por todos ou apenas por algumas crianças.

O **momento do recreio livre** - num espírito de cooperação e entreajuda, as crianças arrumam as áreas e os materiais, para de seguida irem para o espaço exterior do colégio. Quando está bom tempo as crianças vão para um espaço com baloiços e escorregas, no entanto, quando está a chover quem tem galochas calça-as e vai brincar para as possas de água, quem não tem brinca debaixo de um alpendre.

O **momento do almoço** - neste momento, as crianças são distribuídas por duas mesas redondas. É importante referir que, os lugares não são marcados, as crianças escolhem onde se querem sentar.

O **momento de repouso** - depois do almoço, as crianças vão com a educadora e auxiliar fazer a higiene, para de seguida irem para a sala fazer a sesta.

O **momento do conselho/avaliação** (*conselho de cooperação (sexta-feira)*) - nesta reunião da tarde, as crianças, juntamente com a educadora, fazem um balanço sobre o que aconteceu durante o dia. À medida que as crianças vão partilhando ideias, a educadora vai registando no diário da sala.

O **momento do lanche** - após o conselho, o grupo dirige-se novamente ao refeitório para lanchar, para de seguida irem brincar.

O **momento do regresso à família**- Depois do lanche, as crianças fazem a higiene e vão para a sala, onde ficam a brincar até os pais chegarem. É importante

referir que as crianças são entregues aos pais sempre por algum membro da equipa pedagógica que acompanhou a criança ao longo do dia.

Com as observações realizadas durante as semanas de estágio, percebi que para o educador de infância fazer um bom trabalho com as crianças é imprescindível o apoio dos colegas de equipa. Sendo assim, é necessário que haja uma boa cooperação e entreaajuda entre todos para que seja possível tomar decisões com maior certeza e ao mesmo tempo conseguir arranjar soluções para problemas que vão surgindo. O trabalho em equipa é condição necessária para que as rotinas das crianças corram da melhor forma, de modo a que, se consiga responder às necessidades das mesmas.

Deste modo, a partir do momento em que o *acolhimento* era continuado na sala (a partir das 9h) a educadora e a auxiliar trabalhavam em conjunto e com os mesmos objetivos de modo a estarem sempre presentes para receberem as crianças. Este trabalho de equipa só era possível porque a educadora cooperante e a auxiliar de sala chegavam ambas às 9h à sala. Este primeiro momento da manhã é pensado e planificado como os restantes momentos da rotina, sendo o momento da separação entre a família e as crianças a educadora considera fundamental estar presente sempre um dos elementos da equipa, ela própria ou a auxiliar, uma vez que as crianças já as conhecem.

Para fomentar o trabalho de equipa, a educadora promove uma comunicação aberta e realiza conversas diárias com o intuito de existir uma partilha e troca de ideias. Tudo o que a educadora tem planeado seja para a semana ou para o mês, no geral é partilhado e pedido a opinião à auxiliar, e no período de estágio foi-me solicitada também opinião como forma de toda a equipa estar integrada e envolvida nas atividades da Sala Verde. Segundo Marchesi (2007, p.91) o trabalho de equipa requer “uma certa convicção de que vale a pena o esforço que envolvem e que, portanto, é um valor positivo na atividade profissional do professor”.

3. Interpretação das observações realizadas

Para dar início a este ponto do projeto de investigação tentando compreender as estratégias utilizadas pelas educadora durante o processo de adaptação das crianças e as formas de ser e estar, comecei por observar e realizar notas de campo.

Em Educação de Infância é extremamente importante que o educador observe. Observar, permite não só que o profissional de educação conheça as crianças, como também o ajuda a pensar e refletir sobre as suas práticas contribuindo assim, para um ensino de qualidade. De acordo com o referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016),

“[...] a observação e registo permitem recolher informações para avaliar, questionar e refletir sobre as práticas educativas (nomeadamente a gestão das rotinas, a organização do espaço e materiais, a qualidade das relações estabelecidas) sendo ainda essenciais para conhecer cada criança e a sua evolução. As informações recolhidas permitem fundamentar e adequar o planeamento da ação pedagógica” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.13).

Reconhecendo a importância da observação e o impacto que a mesma desencadeia na vida profissional de um educador de infância, é extremamente importante que esta seja desenvolvida desde a formação inicial. De acordo com Portugal (2009, p.17)

importa, pois, que a natureza de uma intervenção e de um currículo em educação de infância seja explorada, desde os primeiros anos de formação, permitindo aos futuros educadores aprender a observar e a pensar sobre a adequabilidade de um programa para crianças.

Para registar as minhas observações, recorri às notas de campo, registo que considerei mais adequado, para de forma mais detalhada, descrever os momentos que considerei pertinentes para esta investigação.

Quero realçar que, devido à temática do relatório não fiz intervenções planificadas, fiz várias intervenções no momento e fiz várias observações das quais mobilizo duas de cada contexto nesta parte do trabalho. Durante a permanência nos contextos de estágio tive várias conversas com as educadoras cooperantes, que foram importantes para a minha compreensão do processo de adaptação no contexto educativo e que, na minha opinião foram igualmente importantes para ambas as educadoras cooperantes. Foi uma oportunidade de reflexão sobre o processo de adaptação e entre o 1.º e o 2.º momento de estágio observei alterações no período de adaptação. Alterações quer ao nível da relação, disponibilidade, no momento do acolhimento, quer a nível da relação com as famílias.

3.1.Contexto de Creche - Instituição A

Ao longo do meu percurso enquanto estagiária, o meu principal interesse foi sempre a forma como as crianças se sentiam no ambiente da instituição educativa, como vivenciavam o seu dia-a-dia e a relação que tinham com a educadora e com a restante equipa. Tendo em conta que o meu tema é a *adaptação* e o *bem-estar* das crianças aos contextos, procurei observar a prática da educadora cooperante na fase da adaptação das crianças e eu própria intervir sempre que fizesse sentido.

Nota de campo⁴

Período da Manhã- **25 de Outubro de 2017**

Carolina: Colo (dirige-se a mim estagiária a chorar).

Estagiária: Queres colo Carolina?

Carolina: Sim!

Estagiária: Senta aqui no colo da Patrícia.

Carolina: Senta-se (deixa de chorar).

Educadora Cooperante: Não lhe dêes colo, coloca-a no chão se não ela

⁴ Nota de campo referente ao 1.º momento de estágio em Creche

habitua-se e eu não vou estar com ela ao colo” (Educadora A).

A nota de campo de 25 de Outubro de 2017, é referente a uma criança que chorava e chamava constantemente pela mãe no momento da separação, no início do dia. A Carolina era uma criança em fase de adaptação e que, de acordo com o que observei e vivenciei, precisava de um adulto disponível a atento para se acalmar, interagir com os adultos da sala e com os seus pares. Durante o primeiro momento de estágio, foram muitos os dias em que vivenciei situações em que a educadora, parecia não saber lidar com esta situação. Foram muitas as situações em que dei colo à Carolina, sentei-me com ela na manta a brincar ou a ler uma história, no entanto, muitas destas minhas intervenções foram interrompidas pela educadora. Concordo com Ferreira de Andrade (2016, p.16) quando refere que “ há quem pense que se a criança insistir em chorar, não deve-se pegar no colo, para evitar a manha, porém, o caminho a seguir é o inverso, acalantar a criança, acalmar sua insatisfação e mostrá-la algo agradável, para que ela se distraia”.

Enquanto futura educadora, estas afirmações e atitudes por parte da educadora cooperante não me faziam sentido, uma vez que, acredito que quando as crianças se encontram fragilizadas precisam de atenção e afeto para se sentirem bem.

Nesta situação, a Carolina não tinha a mãe, mas tinha o adulto de referência, no qual procurava afeto e atenção. Ao longo das semanas de estágio comecei a ser um adulto de referência para esta criança, era a mim que ela procurava para se tranquilizar, pedindo colo, ou simplesmente para ficar ao meu lado.

Acredito que as crianças criam ligações com os adultos que lhe compreendem, e para tal, é importante que o educador compreenda as necessidades das crianças e atue nesse sentido. Na base da relação adulto-criança deve estar o afeto favorecendo uma boa relação pedagógica, uma vez que, segundo Morgado (1997) “tem vindo a constatar-se que o clima sócio-afectivo em que decorre a acção educativa se constitui como uma variável claramente contributiva para a eficácia e inclusão” (p.82).

Uma vez que a ligação criada entre o educador e a criança pode influenciar o *processo de adaptação* da mesma, é importante que o educador estabeleça uma

relação que transmita *afeto, cuidado, carinho e segurança* para que sejam proporcionadas todas as condições de um ambiente educativo de qualidade. De acordo com Olmos (2015, p. 25)

O educador tem a missão de pôr a criança em contato com a realidade que transcende o universo familiar [...] A partir do seu vínculo com a criança, prepara-a para lidar com a diversidade e os conflitos que dela advêm. Assim, o professor é aquele que possibilita, desde que tenha empatia, que a criança descubra todos os recursos que tem [...] para encarar e lidar com a realidade de forma menos traumática possível.

No segundo momento de estágio tive a oportunidade de observar uma criança em fase de adaptação, uma vez que este momento de estágio iniciou-se no início do ano letivo.

A criança que se encontrava em fase de adaptação era a Rita⁵ que, de acordo com as minhas observações e no decorrer de conversas informais com a educadora cooperante, ainda não socializava com o grupo. A Rita era uma criança bastante tímida e procurava estar sempre por perto da educadora que, de acordo com o que observei, lhe dava bastante atenção. A nota de campo que se segue, exemplifica a forma de estar da Rita enquanto criança em fase de adaptação.

Nota de campo⁶
Período da Manhã- **25 de Setembro de 2018**

Educadora Cooperante: Ritinha vai brincar com os amigos vai (enquanto esta se encontrava ao colo da educadora no parque exterior).
Rita: Rita abana a cabeça dizendo “não”.
Educadora Cooperante: Levanta a Rita e diz: Vai lá Rita, olha a Diana a brincar no baloiço!
Rita: Agarra-se à educadora e diz que não com a cabeça.
Educadora cooperante: Então senta aqui (colo da educadora) e ficamos a ver os amigos.

A nota de campo de 25 de Setembro de 2018, mostra o quão importante era a

⁵ Nome fictício

⁶ Nota de campo referente ao 2.º momento de estágio em Creche

educadora para esta criança. A educadora era o adulto de referência na ausência do pais, e como todo o ambiente e o grupo não lhe era familiar a Rita em todas as situações do seu dia-a-dia tentava manter-se por perto da educadora, mesmo na hora da sesta. A título de exemplo segue a seguinte nota de campo:

Nota de campo⁷

Período da Tarde (hora da sesta) - **27 de Setembro de 2018**

Rita (deitada no catre): Faz ruído e abana o brinquedo de transição (um peluche com o qual dormia).

Educadora Cooperante: Shiu! Rita é para dormir (em voz baixa).

Rita: Continua a fazer os mesmos ruídos.

Educadora cooperante: dirige-se para perto da Rita, deitando-se ao seu lado e diz: Rita vamos dormir, assim acordas os amigos (e coloca a mão por cima da Rita, embalando-a).

A atenção que a educadora cooperante dava à Rita a meu ver, era bastante positiva, na medida em que, lhe confortava e lhe dava bastante afeto. Ao longo das minhas observações fui-me apercebendo que se estavam a criar alguns laços entre a Rita e a educadora, sendo que, a Rita tentava sempre permanecer perto da educadora e qualquer tentativa para que esta fosse brincar com os seus pares era rejeitada, levando a querer que a Rita só se sentia segura ao lado da educadora cooperante.

Fazendo uma comparação entre os dois momentos de estágio em creche, é notório que, durante o segundo momento de estágio, observei uma educadora mais atenciosa, calorosa e afetuosa com as crianças. Na minha opinião, todas as crianças precisam de afetos e atenção, mas a fase de adaptação é um período mais delicado, no qual, o educador deve proporcionar mais momentos calorosos e confortantes à criança, para que esta se sinta bem, confiante e segura.

No momento de adaptação a criação de laços entre as crianças e o educador é bastante importante para que exista confiança, segurança, conforto e carinho, só assim as crianças se conseguem sentir seguras e confiantes. Como tal “a afetividade no acolhimento é algo que contribui muito para o processo de adaptação, mas para isso é preciso se aproximar da criança, sentir sua emoção e interagir com ela, facilitando a

⁷ Nota de campo referente ao 2.º momento de estágio em Creche

convivência a partir da qual, conseqüentemente, a criança acaba se adaptando.”(Ferreira de Andrade (2016, p.19).

Tendo em conta que, a Creche é muitas vezes o primeiro espaço onde as crianças começam a socializar com os seus pares e com adultos que não lhes são familiares, sem a presença da família, é importante que, tanto o educador como a instituição criem um ambiente caloroso, acolhedor, harmonioso, seguro e confortável. Um ambiente com todas estas características, e de qualidade focam-se na preocupação do desenvolvimento integral da criança, no qual, “o educador sensível é aquele que questiona as suas ações baseando-se na abordagem que a criança faz da realidade verbalizando com as suas capacidades estruturais, funcionais e afetivas” (Saltini, 2008, p.8).

No decorrer das minhas observações, durante o último momento de estágio, reparei que uma criança do grupo sentia algum desconforto quando um dos familiares a deixava na instituição.

Nota de campo ⁸

Período da Manhã (momento de acolhimento) - **25 de Setembro de 2018**

Educadora Cooperante: Bom dia Daniel, bom dia mãe (Daniela chega à sala ao colo da mãe).

Daniel ⁹ : Ao colo da mãe mostra o livro que traz mão.

Mãe do Daniel: Vai mostrar o livro aos amigos filho (e coloca o Daniel no chão).

Daniel: Dá uns passos em direção aos amigos, mas de repente volta para trás com os braços no ar a pedir colo à mãe.

Mãe do Daniel: Agarra no Daniel ao colo e diz: então filho? Vá dá um beijinho à mãe e vai brincar com os amigos.

Daniel: Faz um ruídos (estava pouco desenvolvido a nível da fala) abana a cabeça a dizer que não e agarra-se à mãe.

Educadora cooperante: Daniel, vamos brincar com os amigos (avançando com os braços para este ir para o seu colo).

Mãe do Daniel: Dá o Daniel à educadora enquanto este chora e chama pela mãe, dizendo “mamã”.

⁸ Nota de campo referente ao 2.º momento de estágio em Creche

⁹ Nome fictício

Durante o momento de acolhimento, apercebi-me que o momento de separação ainda era um processo complicado, apesar de que na ausência da mãe a criança envolvia-se rapidamente nas brincadeiras com os seus pares. Durante o momento de acolhimento, no decorrer do estágio, verifiquei que o Daniel se mostrava ansioso e angustiado, aquando da separação da mãe. Todos os dias chorava, nesta separação, no entanto, no decorrer das minhas observações também me apercebi que o momento de separação também era um processo doloroso para a mãe desta criança dado que esta mantém sempre o Daniel ao seu colo (já tinha verificado esta situação no primeiro período de estágio). Como afirma Wulff (2010) o momento de separação também pode ser um processo bastante difícil para a mãe, devido ao vínculo criado com o seu filho, referindo que “o ingresso na escola é, em muitos casos, a primeira experiência de separação da mãe do seu bebê, por isso é possível que a separação se torne mais complicada para a mãe do que para o bebê” (p.16).

Para tentar colmatar esta situação e fazer com que aquele momento não fosse angustiante ou causasse algum desconforto tanto para o Daniel como para a mãe, em conversa com a educadora cooperante sugeri que se tentasse criar alguma estratégia neste sentido. Esta estratégia seria a de propor à mãe do Daniel que na chegada à instituição, até à sala, a mesma trouxesse a criança pelo chão, de mão dada.

Como é descrito ao longo do relatório, o processo de adaptação pode demorar algum tempo, e afeta tanto as crianças como as famílias. Algo que acredito ser bastante importante é a relação com as famílias e, neste sentido, se o processo de adaptação estiver a ser delicado para os familiares acredito que seja importante o educador abrir as portas da sua sala demonstrando que aquele ambiente é acolhedor e está aberto às crianças e às famílias. O educador deve responder às necessidades das crianças mas também apoiar, dar resposta às dúvidas e receios das famílias, pois, só num ambiente apoiante, tranquilo e esclarecedor, no qual, existe um trabalho cooperativo com as famílias, se colabora para um ambiente educativo de qualidade.

Em conversas informais com a educadora cooperante, a mesma referiu que o trabalho com as famílias é de extrema importância, principalmente no processo de adaptação.

Em conjunto, pais e educadores recolhem, trocam e interpretam informação específica sobre as ações, sentimentos, preferências, interesses e capacidades sempre em mudança da criança. Aprendem uns com os outros o que funciona e o que não funciona com determinada criança no seio da sua relação (Post e Hohmann, 2011, p. 329).

Uma boa comunicação entre os educadores e os pais é fundamental para o desenvolvimento e bem-estar das crianças. “Estas parcerias caracterizam-se pela confiança e respeito mútuos e incluem um constante dar-e-receber em conversas sobre o crescimento e o desenvolvimento das crianças em que todos os envolvidos têm um interesse comum e promissor” (Post e Hohmann, 2011, p.327).

Sempre que for possível, o educador deve aproveitar cada momento de contacto com as famílias, para partilhar observações e vivências das crianças. Hohmann e Weikart (1997) referem que o educador deve “aproveitar ao máximo as oportunidades diárias que surgem nos momentos em que os elementos da família largam e pegam as crianças, para falar com eles” (p.119).

Durante o estágio em creche, estas oportunidades que surgiam diariamente, na minha opinião não eram aproveitadas da melhor maneira, uma vez que a maioria das crianças chegavam à instituição mais cedo que a educadora o que dificultava a partilha de informação por parte das famílias e da equipa de sala. De acordo com a educadora cooperante as informações eram partilhadas principalmente nas reuniões de pais. Recuando ao primeiro momento de estágio no contexto de creche, recordo-me que este contacto com as famílias no momento da chegada à instituição era pouco aproveitado, pois, à entrada da sala estava uma cancela na porta para evitar que as crianças saíssem da sala. Esta cancela, considero que funcionava como uma barreira e o que acontecia era que as crianças eram entregues à educadora ou à auxiliar, de colo para colo por cima da cancela, os seja os familiares não entravam na sala. Na minha opinião, à chegada das famílias a porta deveria estar aberta para os pais/familiares entrarem na sala e assim se dar uma aproximação das famílias criando-se talvez uma relação mais próxima e colaborativa entre todos.

3.2.Contexto Jardim de infância – Instituição B

O estágio em jardim de infância foi uma experiência bastante diferente do contexto de creche, talvez porque o estágio iniciou-se em Março de 2018, altura em que a maioria das crianças já tinha passado pelo processo de adaptação à instituição.

Neste contexto as crianças eram mais velhas e já vivenciavam as situações do dia-a-dia de maneira diferente. A educadora cooperante e a auxiliar de ação educativa no momento do acolhimento eram bastante afetuosas, ouviam as crianças e procuravam sempre responder às necessidades das mesmas.

Em relação à adaptação, no primeiro momento de estágio neste contexto, assisti apenas a um caso de uma criança que se estava a adaptar-se a toda a rotina da sala e da instituição. Ao longo de observações e em conversas informais com a educadora, fui-me apercebendo que tínhamos uma criança que não estava integrada no grupo como as restantes. Esta criança era o Guilherme¹⁰ uma criança bilingue, que apesar de compreender bem o que a educadora e a auxiliar lhe diziam, não conseguia responder em português, ou respondia em francês, ou abanava a cabeça, ou simplesmente não respondia. De acordo com as informações dadas pela educadora, os pais do Guilherme não eram pessoas muito acessíveis e todas as sugestões dadas pela educadora, como por exemplo, sugerir que o Guilherme chegasse mais cedo e almoçasse com os amigos, para tentar incluir o Guilherme na rotina da sala, eram desvalorizadas.

¹⁰ Nome fictício

Nota de campo¹¹

Período da Manhã (momento do Conselho) – 11 de Abril de 2018

Pai de Guilherme: (Bate à porta da sala e diz:) Bom dia! (e o Guilherme entra).

Auxiliar : Senta aqui nesta cadeira Gui.

Guilherme: Vai em direção à auxiliar a senta-se.

Educadora Cooperante: Pai tente trazer o Gui um bocadinho mais cedo, para iniciar o momento do conselho connosco.

Pai do Guilherme: Abana a cabeça dizendo que sim e diz adeus ao filho.

Este exemplo é uma situação recorrente no dia-a-dia desta criança, ao entrar na instituição educativa. No decorrer do meu estágio, o Guilherme nunca experienciou o momento de acolhimento com um adulto totalmente disponível, ou seja, a educadora ou a auxiliar não estavam disponíveis para falar com o pai, porque este chegava numa altura em que estavam a ser desenvolvidas atividades. O Guilherme chegava sempre a meio da planificação do conselho ou no fim, acabando por não existir momentos de partilha entre ele e os amigos, dado que nesta planificação era sempre guardado um tempo para quem quisesse partilhar algo que tivesse acontecido ou algum brinquedo novo que tivessem ganho, ou até mesmo algum livro que trouxessem para a educadora ler. Segundo a educadora, os pais desta criança só queriam que o filho permanecesse na instituição educativa durante o período da manhã, indo embora antes do almoço. Apesar das tentativas de adaptação por parte da educadora e da restante equipa os pais nunca colaboraram, sendo que as sugestões da educadora nunca foram concretizadas. “Embora as parcerias educadores-pais levem o seu tempo e esforço até serem estabelecidas, todos beneficiam” (Post e Hohmann, 2011, p.139), uma vez que, trabalham em prol do bem-estar da criança, partilham informações sobre a mesma e cooperam entre si para o desenvolvimento integral desta. Neste caso não acontecia.

De acordo com as informações recolhidas durante o estágio, assim como, durante conversas informais com a educadora cooperante existem estratégias utilizadas por esta, durante o processo de adaptação. Posteriormente à entrada da

¹¹ Nota de campo referente ao 1.º momento de estágio em Jardim de Infância

criança na instituição, com antecedência, é realizada uma conversa com os familiares, no qual, é explicado que, numa fase inicial, como a criança não conhece o dia-a-dia da sala é dado maior apoio para que esta se vá apropriando das rotinas. Tanto a equipa da direção da instituição, como a educadora de sala estão disponíveis para esclarecer qualquer dúvida que os pais tenham, de modo a que estes se sintam menos angustiados, mais seguros e acolhidos por toda a equipa. No entanto, depois das atividades começarem a educadora e a auxiliar não se encontram disponíveis para dar essa atenção individualizada à criança e aos pais, visto que estão a trabalhar com as crianças e por vezes a auxiliar de sala está ausente por algum motivo e o único adulto na sala é a educadora. “Com os pais, uma das abordagens oferecidas é a disponibilidade para conversas que ocorrem no dia a dia sobre a rotina, as dúvidas e os sentimentos” (Cairuga, Castro e Costa, 2015,p.59), o que devido ao Guilherme chegar na hora em que as atividades já tinham iniciado não acontecia, e na minha opinião não facilitava o processo de adaptação da criança ao contexto, à sala, ao grupo.

No segundo momento de estágio, houve uma alteração no grupo, entraram duas crianças o Gonçalo¹² e Diana¹³. Em conversas informais com a educadora cooperante no início do estágio, a mesma referiu que a adaptação da Diana estava a correr bem. A Diana era participativa, tinha vontade de estar com o grupo e de brincar com os amigos, assim como se relacionava com todas as crianças da sala, inclusive com os adultos (educadora e auxiliar). A título de exemplo segue a seguinte nota de campo.

¹² Nome fictício

¹³ Nome fictício

Nota de campo¹⁴

Período da Manhã (momento de acolhimento) – **15 de Outubro de 2018**

Educadora Cooperante: Bom dia Diana.

Diana: Bom dia (e entra na sala para brincar com os amigos.)

Pai da Diana: Diana vem vestir a bata e dar um beijinho ao pai

Diana: Mas eu quero brincar.

Educadora Cooperante: Vem dar um beijinho ao pai Diana, já vais brincar.

Diana: Levanta-se da mesa e vai em direção ao pai.

Pai da Diana: Agora não te despedias do pai (em tom de brincadeira)

Diana: (sorri) estava a brincar pai.

Educadora Cooperante: Diana depois de vestires a bata não te esqueças de ir marcar a presença.

Diana: (sorri).

Nos momentos de acolhimento era notório a boa relação que existia entre as famílias, no qual, tanto a educadora como a restante equipa se mostravam sempre atenciosas e procuravam sempre saber como tinha passado a criança ou como tinha corrido o fim-de-semana, isto se as crianças chegassem antes das atividades começarem, ou seja, entrassem no período estabelecido para o momento do acolhimento. “Ver os pais à hora de chegada (...) proporciona uma oportunidade aos educadores de trocarem informação sobre a vida da criança tanto na creche como em casa” (Post e Hohmann, 2011, p.218), e esta oportunidade é facilitadora da adaptação.

O trabalho com as famílias neste período de adaptação é fundamental para uma otimização do bem-estar e desenvolvimento da criança. Na fase de adaptação, para além de existir por parte da educadora uma conversa com os pais, sobre a integração da criança no jardim de infância e sobre o seu dia-a-dia, estes também podem fazer a integração juntamente com a própria criança, na sala e nos espaços. Segundo a educadora, sempre que os pais achem necessário realizar a adaptação com as crianças podem fazê-lo tendo o apoio de todos. No entanto, para facilitar o processo a educadora sugere aos pais para saírem da sala e voltarem mais tarde, de forma gradual, para se aperceberem que a criança está bem.

¹⁴ Nota de campo referente ao 2.º momento de estágio em Jardim de Infância

Entre pais e educadoras deve ser desenvolvida uma comunicação aberta, que deve funcionar numa base de respeito, humildade e igualdade. Deve haver uma expressão clara e sincera de pensamentos e sentimentos para poder haver uma partilha realista, importante para o conhecimento e acompanhamento das crianças por ambas as partes. (Sarmiento, 2016, p.32)

A título de exemplo segue a nota de campo de dia 10 de Outubro de 2018:

Nota de campo¹⁵

Período da Manhã (momento de acolhimento) – **10 de Outubro de 2018**

Educadora Cooperante: Bom dia Leonor bom dia João (pai da Leonor).

Pai da Leonor: B, a Leonor não passou a noite muito bem, teve algumas faltas de ar. Trouxe aqui a bomba para o caso dela se queixar.

Educadora Cooperante: Oh Leonor dá cá um beijinho à B, se sentires algum desconforto diz-me combinado?

Leonor: Sim.

Educadora Cooperante: João fique descansado, que tratamos da Leonor e qualquer coisa que seja preciso ligamos para vocês.

Pai da Leonor: Obrigada B.

A ligação que existe entre os pais e a educadora é bastante positiva. De acordo com as informações recolhidas esta relação de parceria e amizade com os pais vem desde o tempo de creche, no qual, existe um à vontade para ligar ou mandar mensagem para esclarecer alguma dúvida ou saber como está a criança.

Relativamente ao Gonçalo, segundo a educadora, o mesmo estava a ter um processo de adaptação mais lento, talvez por ser a primeira vez que frequentava uma instituição educativa. Devido a ter problemas cardíacos os pais optaram por mantê-lo em casa nos primeiros anos e só com quatro anos o inscrever no jardim de infância. A título de exemplo, segue uma nota de campo referente a um momento de brincadeira com os amigos da sala:

¹⁵ Nota de campo referente ao 2.º momento de estágio em Jardim de Infância

Nota de campo ¹⁶

Período da Manhã (momento do recreio) – **9 de Outubro de 2018**

Gonçalo: Patrícia eles não me deixam brincar.

Patrícia (estagiária): Henrique e Gustavo deixem o Gonçalo brincar convosco.

Henrique: Mas Patrícia ele está só a empurrar-nos, a mim e ao Gustavo.

Patrícia (estagiária): Meninos quando brincam não é para se empurrarem, podem magoar-se e depois vão para o hospital. Não pode ser.

Gonçalo: Mas eles não me passam a bola.

Gustavo: Ele está só a empurrar.

Patrícia (estagiária): Vocês já sabem que não se empurra, vão brincar todos juntos pode ser? Gonçalo sem empurrar ok?

Gonçalo: Sim.

Henrique: Vamos jogar à bola (e correm para a relva sintética).

A nota de campo de 9 de Outubro de 2018 exemplifica a forma de estar do Gonçalo durante o período de adaptação. Das minhas observações o Gonçalo era um menino calmo, que mostrava vontade em participar em todas as tarefas propostas pela educadora, no entanto, na socialização com o grupo ainda não estava totalmente integrado. Nos momentos de interação com o grupo, o Gonçalo mostrava ser uma criança impulsiva, na medida em que, quando o grupo não se mostrava receptivo à sua presença este tinha um comportamento mais agressivo, como empurrar, bater ou morder. Na fase de adaptação as crianças demonstram comportamentos diferentes, umas choram, outras isolam-se, neste caso, talvez para chamar a atenção dos amigos, o Gonçalo, por vezes apresentava comportamentos mais agressivos, como é possível identificar na nota de campo. De acordo com as minhas observações, o grupo ainda não estava muito receptivo à presença do Gonçalo, sendo que ainda não existia uma relação entre eles. Ou deixavam-no entrar nas brincadeiras mas eles é que escolhiam os brinquedos ou então acabavam por entrar em conflitos onde a opção que tomavam era a de não querer brincar mais com o Gonçalo.

¹⁶ Nota de campo referente ao 2.º momento de estágio em Jardim de Infância

Um episódio que ocorreu durante estas duas semanas de estágio foi o facto de a mãe do Gonçalo ter ligado para a educadora cooperante preocupada porque o filho dizia que não queria ir para a escola, uma vez que, os meninos lhe batiam.

Nota de campo¹⁷

Período da Manhã (momento da manhã) – 12 de Outubro de 2018

Patrícia (estagiária): Está tudo bem com o Gonçalo, B?

Educadora Cooperante: O Gonçalo está bem, mas a mãe ligou preocupada porque ele fez queixas em casa a dizer que os amigos lhe batiam. Como é tem aquele problema cardíaco os pais ficam muito preocupados, e com razão, mas como tu vês o dia-a-dia do Gonçalo é perfeitamente normal como o das outras crianças.

Patrícia (estagiária): Mas será que ele ainda não está adaptado ao colégio?

Educadora Cooperante: Ele está em fase de adaptação, mas aqui no colégio tem outras regras que não tinha em casa e já sabe que pode “jogar” com a sua condição, sabe que os pais ficam preocupados e deixam-no ficar em casa.

Na reflexão cooperada com a educadora cooperante a mesma explicou-me que disse à mãe do Gonçalo que o mesmo se encontrava perfeitamente bem enquanto estava na sala ou no recreio a brincar com os amigos, no entanto, frisou que o Gonçalo por vezes batia nos amigos e os amigos acabavam por ter a mesma atitude para com ele. Referiu ainda que apesar da condição do Gonçalo, todos na instituição zelavam pelo seu bem-estar, assim como, pelo bem-estar de todas as crianças e que a mãe não podia ceder às “chantagens do Gonçalo”, relativamente ao seu problema de saúde. Segundo a educadora o Gonçalo conseguia “jogar” com a sua condição para conseguir algo dos familiares.

Só estive com o Gonçalo durante a primeira semana de estágio, mas segundo o que observei o Gonçalo era uma criança muito observadora e tentava imitar os amigos em muitas situações, talvez para conseguir alguma atenção. O grupo não se afastava do Gonçalo, mas como é natural existem conflitos e esses conflitos devem ser encarados como uma aprendizagem. De acordo com a educadora, O Gonçalo ainda não se tinha familiarizado com as regras da sala, com a rotina, estando em período de

¹⁷ Nota de campo referente ao 2.º momento de estágio em Jardim de Infância

adaptação, para ele era difícil ouvir um “não”, mas estas aprendizagens são importantes para o seu desenvolvimento pessoal e irão ajudá-lo a viver em sociedade.

A adaptação das crianças a um novo contexto é um processo delicado e é natural que as crianças, nos primeiros dias/semanas não queiram ir para o jardim de infância, e tentem ficar com a família, onde se sentem seguros. Se a adaptação for feita de forma gradual, no qual o educador, a auxiliar e as famílias trabalham em conjunto, em prol do bem-estar da criança, são criadas oportunidade da criança “[...]estabelecer novos pontos de referência e desenvolver uma dupla interiorização: as imagens parentais e a imagem da pessoa que a acolhe” (Portugal, 1998b, p.184).

Reconhecendo que, a adaptação pode influenciar o bem-estar da criança, há que compreender que uma criança que tenha dificuldade em adaptar-se ao contexto, dificilmente se irá sentir bem e feliz no espaço envolvente. De acordo com Tarquino e Spitz (2012) e sendo a adaptação é feita de forma gradual “[...]a felicidade é influenciada pela nossa capacidade de adaptação[...]

” (p.416) e tanto o educador como as famílias devem respeitar o tempo de adaptação de cada criança.

Para além de a adaptação ser feita de forma gradual, esta também deve ser continuada para que a criança se adapte às rotinas, aos adultos e ao grupo, sendo que, com o tempo irá, certamente, criar laços de confiança entre todos.

Capítulo IV - As concepções das Educadoras Cooperantes

Neste capítulo descrevo e interpreto as concepções das educadoras cooperantes com base na análise de conteúdo dos inquéritos por questionário passados às educadoras cooperantes. Os inquéritos por questionário foram enviados por correio electrónico no decorrer dos primeiros momentos de estágio em contexto creche e jardim de infância. Ambas as educadoras responderam pelo mesmo meio de comunicação.

O objetivo deste questionário era compreender quais as concepções das educadoras cooperantes sobre a adaptação das crianças aos contextos de educação de infância, as estratégias que implementam para promover a adaptação das crianças, assim como, qual o papel do educador de infância durante a fase de adaptação das mesmas.

No texto que se segue refiro-me à educadora de creche como educadora A e à educadora de jardim de infância como a educadora B.

A **Educadora A** considera que a *adaptação* significa “integrar-se, acomodar-se, ambientar-se a uma determinada situação”. Defendendo que este processo é bastante delicado para as crianças devido à separação da sua zona de conforto e à familiarização com um novo espaço, uma nova rotina e com adultos e crianças que não lhes são familiares. De acordo com o referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar “Os comportamento de cada criança, quando em presença de um meio relativamente novo e de adultos que, muitas vezes, não conhece, são variáveis e dificilmente previsíveis” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.100) percebemos que a educadora tem sensibilidade para compreender que o momento de adaptação merece uma atenção especial por parte do educador para minimizar qualquer impacto negativo que este processo possa vir a ter na criança. A **Educadora B** vai ao encontro da mesma perspetiva quando afirma que a *adaptação* deve ser encarada como “um assunto sério e responsável”. No entanto, a mesma acredita que a adaptação está relacionada com a criação de um vínculo com as crianças, defendendo ainda a importância destas sentirem que existe uma boa ligação entre as famílias e a equipa de sala. Referindo novamente as Orientações Curriculares

para a Educação Pré-Escolar podemos perceber que “a comunicação estabelecida com cada família, antes de a criança começar a frequentar a educação pré-escolar, favorece a sua integração, uma vez que a percepção desta relação entre adultos é securizante para cada criança” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.100).

Quanto ao *papel do educador de infância na fase de adaptação* da criança, para a **Educadora A** o papel do educador e da equipa de sala é muito importante, porque exige a criação de laços afetivos, para que a criança sinta confiança e segurança nos adultos. A mesma opinião é partilhada pela **Educadora B**, quando afirma que “o papel do educador é de extrema importância é ele que deve criar um clima de segurança afetiva para que a criança se possa sentir segura individualmente ou em grupo”. Assim, educar com afeto é essencial para que a criança se sinta desejada e segura no meio em que se encontra, originando, por consequência, sentimento de confiança em si própria, com os seus pares e com os adultos. A **Educadora B** defende que o educador também tem um papel importante perante os pais referindo que “cabe ao educador tentar compreender as ansiedades deles, falar-lhes com segurança e afeto de forma a perceberem que nós também compreendemos o lado deles e o lado das crianças com a adaptação a um novo espaço e adultos. A criança deve sentir que existe um elo de ligação entre os pais e a equipa de sala.” De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar o envolvimento e o contacto com as famílias bastante importante,

[...] para esclarecer e compreender as preocupações dos pais/famílias, visto que também eles podem sofrer com a separação da criança, e permitir-lhes criar maior confiança num contexto de educação pré-escolar, que ainda não conhecem. Uma confiança que pode ser favorecida pela visita às instalações, pela comunicação das intenções e propostas educativas do/a educador/a, e pela possibilidade de um familiar estar presente, nos primeiros dias, durante mais ou menos tempo, de acordo com as suas possibilidades (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.100).

Rossetti-Ferreira, Vitória e Goulardins (2001) referem ainda que a parceria entre os educadores e os pais é fundamental ao afirmarem que “um período de

adaptação bem conduzido possibilita que pais e educadores, através de sua convivência, estabeleçam uma relação produtiva, de confiança e respeito mútuo” (p.51)

Relativamente às *estratégias para a promoção da adaptação das crianças*, a **Educadora A** menciona que dá uma atenção individualizada “nos primeiros dias ou semanas se for necessário” dando-lhe afeto e mostrando-lhe os momentos da rotina diária, “desmistificando os seus receios e angústias de forma tranquila e segura para que ultrapasse as suas dificuldades rapidamente e seja uma criança feliz”. No segundo momento de estágio, pude observar uma atenção mais individualizada em relação a um criança estava em fase de adaptação, no qual a educadora estava sempre presente e disponível para atender qualquer necessidade da criança, acompanhando-a em todos os momento da rotina. Acreditando que o educador deve transmitir afabilidade e segurança para que as crianças se sintam seguras é importante que as interações entre adulto-criança proporcionem o “ “combustível” emocional de que os bebês e as crianças precisam para desvendar os mistérios com que se deparam no seu mundo social e físico” (Post e Hohmann, 2011, p.12). Relações entre educador e criança que se baseiem em confiança e apoio, são aquelas que irão fazer com que a criança se sinta segura e protegida. A mesma opinião é partilhada com a **Educadora B**, quando afirma que uma das estratégias utilizadas é aproximar-se das crianças “com respeito, afeto sem demonstrar ansiedade, tranquila às reações das crianças”. Como referem Post e Hohmann (2011) “as pessoas que tomam conta de crianças procuram desenvolver relações positivas e recíprocas com elas – relações em que a palavra-chave é o encorajamento. Abraçam, seguram, brincam e falam com as crianças de forma calorosa [...]” (p.14). A mesma educadora refere ainda que o papel dos pais é bastante importante e que a adaptação das crianças deve ser realizada de forma progressiva, “conhecendo a equipa, os espaços e se possível acompanhada pela mãe”. Como refere Cordeiro (2010) os pais devem levar a criança a conhecer a instituição educativa “mostrar o espaço de uma forma protegida, e criar algum apetite por ele, sem que os aspetos negativos, como a ansiedade de separação, tenham algumas hipóteses de surgir” (p.322). Como observei nos momentos de estágio, existe uma preocupação por parte dos pais e mesmo da própria instituição em dar a conhecer à criança todas as instalações inclusive a sala onde a criança irá ficar, para que esta se vá familiarizando com todo os espaço.

Em síntese, é visível que ambas as educadoras encaram a adaptação como sendo um processo delicado tanto para as crianças como para os pais. Ambas defendem que os afetos são muito importantes neste fase, pois, é um meio para conseguir criar laços com as crianças e, por consequência, criar uma ligação de confiança e segurança para que estas se sintam tranquilas no novo ambiente.

Em relação ao *envolvimento das famílias* neste processo, é notório que a **Educadora B** valoriza bastante estes momentos de trabalho cooperativo com as famílias, pois, são estes que conhecem as crianças e que podem ajudar a compreender determinados comportamentos e ao mesmo tempo criar estratégias que facilitem a adaptação das crianças. Durante as semanas de estágio, foi em contexto jardim de infância que observei a participação e o envolvimento das famílias no dia-a-dia das crianças. O modo como as famílias, a educadora cooperante e os restantes membros de equipa pedagógica interagem e se relacionavam era bastante positivo, a comunicação entre ambos era boa e eram criados alguns momentos de convívio tanto em sala como fora da instituição educativa. No entanto, como foi referido anteriormente, no capítulo da interpretação das observações realizadas, no momento da rotina em que se dá início às atividades a equipa de sala está focada nas crianças não havendo a mesma disponibilidade que existe no momento do acolhimento, no qual a equipa se dirige aos pais e à criança. Após o início das atividades, a equipa está sentada à volta de uma mesa juntamente com as crianças e cada criança que chegue é chamada para se sentar num lugar que esteja disponível, sem se interromper o momento da atividade, que neste caso é o Conselho de Cooperação.

Na minha opinião, apesar de reconhecer o trabalho cooperativo que existe entre a equipa de sala e as famílias, seria importante que pelo menos a auxiliar de sala fosse ao encontro dos pais e da criança, assim que estes chegassem para que a criança tenham sempre um adulto em que confie para a receber. Principalmente se for um caso em que a criança esteja em fase de adaptação, esta não tem culpa que os pais/familiares se atrasem por algum motivo era importante existir esta flexibilidade por parte da equipa, que julgo ser possível de trabalhar sem interromper qualquer atividade que esteja a decorrer no momento.

Capítulo V – Considerações Finais

Como capítulo final do presente relatório apresento uma análise reflexiva relativa ao percurso que realizei nos estágios em contexto de creche e de jardim de infância, assim como, as dificuldades com que me deparei na realização do Relatório do Projeto de Investigação. Por último, menciono as minhas aprendizagens tanto a nível pessoal como profissional enquanto estagiária nos dois contextos de educação de infância.

Ao iniciar o Mestrado em Educação Pré-Escolar senti algum receio quando os docentes nos informaram que tínhamos de escolher uma temática, transversal aos contextos de creche e de jardim de infância, para a realização do relatório de investigação. Esta informação foi encarada com alegria, pois iria trabalhar uma temática que me despertasse interesse e ao mesmo tempo alargasse conhecimentos nesse âmbito, no entanto, também me trouxe algum receio na medida em que a temática que eu pretendia trabalhar poderia não ser significativa nos contextos de estágio. Foi o que aconteceu, antes de iniciar o estágio e já no tempo da Licenciatura em Educação Básica (LEB) a temática sempre me despertou interesse foi a de necessidades educativas especiais, no entanto, foi algo que não vivenciei no primeiro momento de estágio, o que me levou a deixar este tema de parte, quiçá para uma próxima formação. No entanto, como referi na introdução do presente relatório, no momento de estágio em creche realizado no âmbito da UC Pedagogia e Prática Pedagógica da LEB, surgiram algumas interrogações relacionadas com o momento de separação entre os pais e as crianças à chegada à instituição. Para mim não deixava de ser angustiante ver que a criança podia estar a sofrer com aquele momento de separação e que talvez precisasse de um adulto que lhe desse afeto e carinho para se sentir segura.

Já no Mestrado e apesar das interrogações supramencionadas, não sabia o que me reservavam nos novos contextos de estágio nem se seria possível trabalhar as questões relacionadas com o momento de adaptação, relacionando-as com o afeto as questões do bem-estar e carinho que o educador deve transmitir às crianças. Foi então que surgiu a primeira dificuldade relacionada com a escolha da temática - Qual irá ser a temática do meu projeto de investigação?

Julgo que a questão supramencionada surgiu pelo facto de, na minha opinião, não nos ser dado o tempo suficiente para definir a temática. Com o primeiro momento de estágio a iniciar no dia 16 de Outubro de 2017, deram-nos até ao final desse mesmo mês para apresentarmos a escolha do tema, por escrito sendo este o primeiro produto de avaliação da Unidade Curricular Seminário de Investigação e Projeto I.

Ao dar início ao primeiro momento de estágio, em contexto de creche e com o pouco tempo que tinha para definir a temática, senti-me um pouco perdida, o que me levou a ser bastante observadora, no que concerne às práticas da educadora cooperante e às ações das crianças. Através das minhas observações, e com o passar dos dias, comecei a compreender que o grupo com que estava precisava de muito afeto e carinho por parte dos adultos da sala. O grupo de crianças encontravam-se com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses e, no momento da chegada à creche procuravam estar sempre por perto de um adulto de referência que lhes transmitia alguma segurança. No início do estágio, fui-me apercebendo que o adulto de referência era a auxiliar de ação educativa, pois era por ela que as crianças chamavam ou procuravam. Reparei que era a auxiliar que dava, mais afeto às crianças, que dava mais colo e era isso que as confortava na ausência das famílias. Percebi que a educadora cooperante era uma pessoa menos afetuosa, estava pouco disponível no acolhimento, daí as crianças procurarem e chamarem pela auxiliar.

No decorrer de algumas observações com uma postura mais participativa e interventiva, comecei a tentar dar resposta às necessidades das crianças sempre que estas precisavam ou me procuravam. Refletindo um pouco sobre a minha prática neste estágio, para além de considerar que fui bastante participativa, procurando sempre intervir em todos os momentos da rotina, tentei sempre estar disponível para o grupo, intervindo sempre que as crianças estavam mais inseguras no momento da chegada e da separação da família. Fui criando laços com as crianças e estas começaram a procurar-me quando se sentiam tristes, quando choravam e perguntavam pela mãe. Foi então que percebi que crianças tão pequenas precisam de um adulto disponível para darem carinho e atenção que precisam para se adaptarem ao ambiente envolvente e criarem laços com os adultos que nele se encontram. Principalmente nos momentos de separação, no qual as crianças podem sentir algum desconforto por se separarem do adulto familiar de referência é importante que o educador esteja disponível e seja uma pessoa carinhosa, transmitindo segurança e tentando atenuar ao máximo o

desconforto ou a angústia que a criança possa estar a sentir. É através dos afetos que as crianças conseguem criar uma ligação de confiança e segurança que irá contribuir para o bem-estar e desenvolvimento das mesmas.

Através das observações realizadas e reconhecendo que os contextos de educação de infância são locais onde crianças e adultos estabelecem uma relação privilegiada, é importante reconhecer que o período de adaptação pode ser uma fase complicada e delicada para as crianças e, como tal, os educadores devem estar disponíveis para dar resposta às necessidades das crianças. Foi então que surgiu a questão de investigação: *“Como promover a adaptação e o bem-estar das crianças em Creche e Jardim de infância?”*.

Para dar resposta a esta questão, foi essencial refletir sobre as observações que realizei enquanto estagiária e sobre as notas de campo que fui registando ao longo das semanas de estágio. Foi igualmente importante destacar o papel do educador enquanto gestor do currículo, na medida em que, o educador deve refletir e organizar o momento do acolhimento para facilitar a adaptação e o bem-estar das crianças aos contextos de creche e jardim de infância. *“À chegada, a ansiedade provocada pela separação dos pais pode criar desconforto na criança e esta não conseguir lidar com as suas emoções”* (Sarmiento, 2016, p.137), daí ser crucial o educador recebê-los de forma calorosa apoiando-os neste processo de separação. Como facilitador do processo de adaptação é destacado também a importância de uma boa parceria com as famílias, pois são estas que conhecem as características da criança. É necessário, e importantíssimo, a criação de uma ligação de confiança, pois só assim serão encontradas estratégias que visem o desenvolvimento e o bem-estar das crianças. No período de adaptação o educador de infância deve trabalhar com as famílias, esclarecer dúvidas e receios e ao mesmo tempo atender às suas necessidades afetivas das crianças. Tal como as crianças, os pais também podem passar por período de adaptação, no qual o momento de separação também pode ser angustiante e criar algumas dúvidas no seio familiar. Neste sentido e como é mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar *“importa que o/a educador/a estabeleça relações próximas com esse outro meio educativo, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento das crianças e o sucesso da sua aprendizagem”* (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.10).

A observação é outro aspeto fundamental nesta profissão e enquanto estagiária em processo de formação, reconheço que, nas primeiras semanas, foi complicado conseguir observar e ao mesmo tempo registar as situações para refletir e interpretar-las à posteriori. É crucial que um educador de infância observe de forma cuidada todo o ambiente educativo, bem como, o grupo de crianças de fora a conseguir recolher indicadores sobre o bem-estar da criança. Esses indicadores são bastante importantes no período de adaptação das crianças, uma vez que, é uma das formas que o educador tem de perceber se a criança está feliz, está bem, nos contextos educativos,

Observar cada criança e o grupo em geral é uma prática necessária para conhecer as capacidades, interesses e dificuldades das crianças, de modo a adequar o processo educativo às suas necessidades numa perspetiva de diferenciação pedagógica. (Teixeira e Ludovico, 2007, p. 47).

Durante o percurso enquanto estagiária nos contextos de creche e jardim de infância e durante a realização do presente relatório sinto que cresci a nível pessoal e profissional. Construí conhecimentos relativo à temática em estudo, a adaptação e o bem-estar das crianças aos dois contextos de educação de infância, assim como, tive a oportunidade de perceber como o período de adaptação das crianças pode ter grande impacto nas famílias. Os pais também podem passar por um processo de adaptação, também podem sentir algum desconforto neste período e o papel do educador de infância é fundamental, esclarecendo qualquer dúvida que exista e ao mesmo tempo transmitindo segurança para que sintam que existe um apoio por parte dos profissionais de educação de infância e uma parceria entre ambos. Construir conhecimento sobre esta temática permitiu-me ter maior sensibilidade, no saber estar e no saber agir perante determinadas situações, que no passado não eram encaradas com tanta importância, nomeadamente, a necessidade de estar disponível para receber as crianças, ter mais tempo para as acolher e reconhecer as suas angústias, os seus medos e os seus anseios. Aprendi que as famílias podem, também, sentir o mesmo que as crianças ou seja pode, também passar por uma fase de adaptação.

Acredito que cada criança é um ser único, com a sua própria personalidade e como futura educadora de infância, defendo que estas têm direito a um trabalho individual de acordo com as suas necessidades e interesses. Ao trabalhar esta temática e através da minha experiência enquanto estagiária compreendi que é fundamental estar totalmente disponível para as crianças, sendo que em creche essa disponibilidade deve estar ainda mais evidenciada. No meu caso que estagiei em 1.º berçário, tive que estar mais atenta a todos os sinais que as crianças me davam, pois, uma criança quando chora, pode ser porque tem sono, fome ou então este sinal pode indicar que esta está a sentir algum desconforto. Como é mencionado por Figueira (1998) “Trabalhar com bebés obriga a desenvolver competências de comunicação não verbal, aprendendo a compreender e descodificar os sentimentos que não se exprimem verbalmente” (p.68). Na fase de adaptação esta postura é fundamental.

Um aspeto que considero relevante e que contribuiu para a minha formação foi a postura de observadora participante que fui desenvolvendo ao longo das semanas de estágio. Esta postura possibilitou-me estar mais atenta a situações que decorriam no dia-a-dia e ao mesmo tempo ajudou a ajustar a minha postura enquanto estagiária e futura profissional, na medida em que, ia agindo consoante o que ia observando nas educadoras cooperantes. Nos estágios fui desenvolvendo os conhecimentos que me eram transmitidos pelas educadoras cooperantes, os conhecimentos que me eram transmitidos pelos docentes nas aulas teóricas e ao mesmo tempo agia consoante as minhas concepções. Acredito que os momentos de estágio deram-me a oportunidade de ir construindo o meu eu, tanto a nível pessoal como profissional, pois, foi na formação académica que tive o primeiro contacto de cariz profissional com crianças e foi aqui que comecei a construir a minha identidade profissional.

Outro aspeto importante foi a realização de notas de campo que me permitiram ganhar uma postura mais reflexiva sobre as práticas das educadoras cooperantes e sobre as ações das crianças. Como afirma Alarcão (1996) por vezes, “ficamos com a ideia do que as “coisas” são e não pensamos com clareza na utilidade das mesmas” (p.178). Identifico-me com esta ideia de Alarcão pois, inicialmente, tive bastante dificuldade compreender determinadas atitudes sem as julgar, sem conseguir ver além das primeiras impressões. E sinto que a minha postura foi mudando ao longo dos estágios com a ajuda da minha orientadora Sofia Figueira que me ajudava a ver

para além de, que me ajudava a compreender determinados momentos ou atitudes. Seguindo o pensamento de Vasconcelos (1997), “não podemos limitar-nos a julgar, aprender a ver para além das primeiras impressões que são necessariamente, superficiais “(p.42) é importante e leva algum tempo.

Enquanto futura educadora de infância e após a realização do relatório de investigação, acredito que para promover a adaptação e bem-estar das crianças aos contextos de educação de infância, é importante que o educador de infância seja um adulto disponível para acolher as crianças, dar afetos, conforto e carinho, criando laços para que estas se sintam bem e seguras no ambiente educativo. As transições fazem parte da vida de todas as pessoas e a primeira transição que talvez as crianças e até mesmo pais e familiares experienciam é a da família – escola, neste caso contextos de educação de infância. Como afirmam Barros et al. (2019, p.9) “Apoiar pais e filhos, em algumas delas, faz parte do quotidiano das creches e dos jardins de infância e é uma premissa da educação e de cuidados de elevada qualidade”. É importante que o educador tenha sensibilidade para compreender que a adaptação ao novo ambiente educativo traz grandes mudanças para a vida da criança, nomeadamente, novas rotinas, novos espaços, novos adultos e crianças com os quais irá estabelecer novas relações. Estas novidades e ao mesmo tempo a experiência de lidar com a separação dos pais ou de outros familiares de referência podem criar novos sentimentos nas crianças (apesar de nem todas reagirem da mesma forma) como, os de angústia ou até mesmo medo. Como afirma Barros et al. (2019, p.9)

Durante este período de transição, os bebés, assim como, as crianças de 1 ou 2 anos, poderão expressar as suas emoções através de afastamento, maior irritabilidade, choro, mais “birras”, comportamentos agressivos, manifestações de incómodo durante as rotinas de cuidados pessoais.

É aqui que o papel do educador de infância é fundamental para facilitar a fase de adaptação, estar atento aos sinais que a criança nos transmite para conseguir dar resposta às suas necessidades é essencial para começar a construir desde o primeiro dia uma relação de confiança adulto-criança. A confiança que Post e Hohmann (2011) definem como fundamental para a criança avançar nas suas aprendizagens e

desenvolvimento.

Acredito que conhecer as famílias é outro factor importante para promover a adaptação e o bem-estar das crianças, pois, são estas que as conhecem verdadeiramente e nos podem ajudar a interpretar certas manifestações das crianças. Uma boa parceria e um trabalho colaborativo entre ambos, principalmente nesta transição do contexto familiar para os contextos de creche ou jardim de infância pode ajudar a atenuar o processo de adaptação e bem-estar das crianças como das famílias e da equipa pedagógica de sala. Acreditando que o bem-estar emocional das crianças é um indicador para compreendermos se a criança se está a adaptar ao novo ambiente educativo uma relação forte com as famílias será outro pilar que irá transmitir segurança às crianças. Esta parceria com as famílias é algo que deve progredir de dia para dia, para os pais e familiares vejam que estamos completamente disponíveis para esclarecer qualquer dúvida e receio que tenham, assim como, a sala está sempre aberta para os receber. Acredito que enquanto educadores de infância preocupados com o bem-estar das crianças e das famílias não nos podemos esquecer que,

[...] somos profissionais das crianças e das famílias e que a educação se faz com as famílias. Como tal, o diálogo é fundamental, os profissionais devem ser capazes de partilhar os seus saberes com as famílias, criar empatia, pois será difícil uma boa relação com a criança se não há uma boa relação com a famílias (Silva, 2019, p.19).

Em suma, é muito importante o educador ter uma postura reflexiva sobre as suas práticas para as conseguir ajustar às necessidades das crianças e do grupo, pois só assim se consegue melhorar a nossa prática profissional e contribuir para um ambiente educativo de qualidade.

Referências Bibliográficas

Afonso, N. (2005): *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S.A;

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta;

Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo in I. Alarcão (ed.) *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. pp. 171-188. Porto: Porto Editora;

Alves, M., & Azevedo, N. (2010). *Investigar em Educação. Desafios da construção do conhecimento e da formação de investigadores num campo multi-referenciado*. Lisboa: Editora UIED;

Barros, S., Cadima, J., Pessanha, M., Peixoto, C., Coelho, V., Pinto, A., & Bryant, D. (2019). *Cadernos de Educação de Infância*, n.º116, p.9;

Bassedas, E., Huguet, T., Solé, I. (1999). *Aprender e ensinar na Educação Infantil*. Porto Alegre;

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gravidia-Publicações Lda;

Bogdan, R. C., Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora;

Bonança, R. (2018). *Rotinas, um bem essencial!*. *Refletir em Educação de Infância*, n.º2, p.4-18. [Obtido em: https://issuu.com/envolve-te/docs/n_03];

Bossi, T.; Soares, E.; Lopes, R. & Piccinini, C. (2014). *Adaptação à Creche e o Processo de Separação- Individuação: Reações dos Bebês e Sentimentos Parentais*. *Psicologia*, 45 (2), 250-260. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [Obtido em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5633332>];

Brazelton, T. (2009). *O Grande Livro da Criança – o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença;

Cairuga, R., Castro, M., Costa, M.(2015). *Bebês Na Escola*. Porto Alegre: Editora Medição;

Calheiros, M., Piscalho, I. (2013). “*QueFazeres... Um percurso de Reflexão e Ação na Formação Inicial*”. *Interações*, n.º27, p. 257-282;

Carmo, H., Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação – Guia para a Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta;

Cascais, A. (1998). *A integração na creche: uma questão de cheiros*. *Cadernos de Educação de infância*, n.º48, p.65;

Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança - do 1 aos 5 anos*. (5aed.). Lisboa: A Esfera dos Livros;

Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., Vieira, S. (2009). *Investigação-Ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII, 455-479;

Esteves, S. (2012). *Relação escola-família: comunicação de afetos*. *Cadernos de Educação de infância*, n.º97, p.35;

Erikson, E. (1993). *Infancia Y Sociedad*. Ediciones Hormés S.A.E.: Buenos Aires;

Ferreira de Andrade, M. (2016). O processo de adaptação e a importância do acolhimento na educação infantil. Tese apresentada para obtenção do título de Pedagogia, Natal, Brasil. Universidade Federal de Rio Grande do Norte . [Obtido em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2569/6/OProcessoDeAdapta%C3%A7%C3%A3oEAcolhimento_Artigo_2016.pdf

Figueira, M. (1998). “*Ser educador na creche*”. *Cadernos de Educação de Infância*. Lisboa, n.º 48, p.68;

Galvão, I. (1995). *Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Rio de Janeiro;

Gonzalez-Mena, Eyer, D. (2014). *O cuidado com os bebês e crianças pequenas na creche*. Um currículo de Educação e Cuidados Baseado em Relações Qualificadas. São Paulo, Brasil: AMGH Editora;

Hohmann, M., Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

Homem, M. (2002). *O Jardim de Infância e a família: As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional;

ISS.IP. (2005). *Manual de Processos Chave – Creche (2ª Edição revista)*. Lisboa. CRSS;

Laevers, F. (2008a). *À conversa com Ferré Laevers. Cadernos de Educação de Infância*, 84, p. 4-9. [Obtido em: http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/entrevista_84.pdf];

Laevers, F. (2014b). *Fundamentos da Educação Experiencial: Bem-estar e envolvimento na educação infantil*. Estudos em Avaliação Educacional, 25, n.º 58, p.152-185. [Obtido em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1930/1930.pdf>];

Lino, D. (1998). *O Modelo Curricular para a Educação de Infância de Reggio Emilia: Uma Apresentação*. In Oliveira-Formosinho (Org.), Modelos Curriculares para a Educação de Infância (2aed.) (pp. 93-136). Porto: Porto Editora;

Magalhães, G (2007). *Modelo de Colaboração Jardim de Infância/Família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos;

Marchesi, Álvaro. (2007). *O bem-estar dos professores*. Porto Alegre: Artmed;

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora;

Morgado, J. (1997). *A relação Pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença;

Oliveira- Formosinho, J., Costa, J (2011). *Porque é que a sua é redonda e a minha é bicuda?*. In Oliveira-Formosinho, J & Gambôa, R. (org.). (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia em Pedagogia*. Porto: Porto Editora. (p. 83-124);

Oliveira-Formosinho, J., Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora;

Oliveira, P. (2012). *O período de adaptação no processo educativo: um levantamento bibliográfico e metodológico*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. [Obtido em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000846286>];

Olmos, A. (2015). *Empatia: algumas reflexões*. A importância da Empatia na educação. São Paulo: Instituto Alana, p. 1-38;

Ortiz, C. (2000). *Entre Adaptar-se e Ser Acolhido*. Revista Avisa lá, n.º2. Brasil: São Paulo. [Obtido de: <https://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/entre-adaptar-se-e-ser-acolhido/>];

Pavesi, R. (s.d). *A adaptação inicial na Educação Infantil: reflexões sobre a prática no Centro de Convivência Infantil Chalezinho da Alegria da UNESP de Presidente Purdente/SP*;

Perrenoud, P. (2000). *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed;

Portugal, G. (1998a). *O processo de separação/adaptação à creche*. Cadernos de Educação de infância, n.º48, p.19;

Portugal, G. (1998b). *Crianças, Famílias e Creches: Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto Editora;

Portugal, G. (2009). *Para o educador que queremos, que formação assegurar?*. Exedra, p.9-24;

Portugal, G. Leavers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das Crianças*. Porto: Porto Editora;

Portugal, G. e Luís, H. (2016). *A Atenção à Experiência Interna da Criança e Estilo do Adulto- Contributos das escalas de empenhamento para a melhoria das práticas pedagógicas em educação de infância*. Saber & Educar, n.º21, p.66-74;

Post, J., Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários* (4a edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

Rapoport, A., Piccinini, C. (2001). *O Ingresso e a Adaptação de Bebés e Crianças pequenas à creche: Alguns aspetos críticos*. Psicologia: Reflexão e Crítica, n.º14, p. 81-95;

Rapoport, A.; Sarmiento, D. F.; Nörnberg, M., Pacheco, S. M. *Adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino fundamental*. In: Educação, Set-Dez, 2008, vol. 31, n. 65, p. 268-273. PUCRS, Porto Alegre;

Reda, M. G., Ujiie, N. T. (2009). *A educação infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância*. In: IX Congresso Nacional de Educação: Educere. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de outubro – PUCPR;

Relvas, A. (1996), *O Ciclo vital da família- Perspectiva Sistémica*. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Edições Afrontamento;

Rossetti-Ferreira, M., Vitoria, T., Goulardins, L. (2001) *Quando a criança começa a frequentar a creche ou a pré-escola*. In Rossetti-Ferreira, M. *Os Fazeres na Educação Infantil*. São Paulo, Brasil: Cortez Editora, p.47-51;

Rossetti-Ferreira, M. e Amorim, K. (2004). *O sentido da adaptação à creche e pré-escola*. Pátio – Educação Infantil, n.º4, p.11;

Saltini, C. J.P. (2008). *Afetividade e Inteligência*. Rio de Janeiro: Wark;

Santos, P.E. (2012). *Adaptação de Crianças na educação infantil*. Revista e-Ped-FACOS/CNEC Osório, vol.2, n.º1, Agosto de 2012;

Sanches, I. (2005). *Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da Investigação-acção à*

educação inclusiva. Revista Lusófona de Educação, 5, 127-142;

Sarmiento, T. (2016). *Juntos...Pela criança na creche!*. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade. Publito;

Silva, D. (2019). *Ser bebé, ser educadora de infância: partilha de práticas*. Cadernos de Educação de Infância, n.º116, p.19;

Silva, I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação;

Tarquínio, C., & Spitz, E. (2012). *Psicologia da Adaptação*. Lisboa: Instituto Piaget;

Teixara, M. O. & Ludovico, A. (2007). *Educação pré-escolar: currículo e supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro;

Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande: A prática educativa de Ana*. Porto: Porto Editora;

Winnicott, D. (1986). *Tudo começa em casa*. Livraria MartinsFontes Editora Lda;

Wulff, F. (2010). *Adaptação de bebês à escola de educação infantil: implicações na separação entre mãe e bebê*. Rio Grande do Sul - Brasil: Universidade Federal de Rio Grande do Sul - Faculdade de Educação. [Obtido em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36687/000818348.pdf?sequence=1>]

Zabalza, M. A. (1998). *Didáctica da Educação Infantil*. Rio Tinto: Edições Asa.

Legislação

Decreto-Lei n.º 241/2011, de 30 de Agosto. Disponível em: [<https://dre.pt/pesquisa/-/search/631843/details/maximized>].

Produções Académicas

Gonçalves, T. (2012). *O trabalho em Equipa: A reflexão pedagógica nos momentos de trabalho em equipa*. Setúbal: Escola Superior de Educação de Setúbal.

1. Apêndices

1.1. Apêndice – Inquérito por questionário (exemplar)

Projeto de investigação- Mestrado em Educação Pré-Escolar

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O presente questionário é um instrumento de recolha de informações para a elaboração do Relatório de Projeto de Investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, cuja problemática é: A Adaptação e o Bem-estar das crianças em Creche e Jardim de Infância.

Este relatório destina-se a recolher informações que me permitam compreender as concepções das educadoras de infância cooperantes sobre a adaptação. As respostas são muito importantes para a concretização do Relatório.

- 1. Há quantos anos é educadora de infância em creche/ Há quantos anos é educadora de infância em ji?**
- 2. Qual a sua concepção sobre a adaptação?**
- 3. Qual o papel do educador de infância durante a fase de adaptação da criança à creche/ji??**
- 4. Que estratégias utiliza para promover a adaptação das crianças?**

Obrigada pela participação,

Estagiária, Patrícia Silva

1.2. Apêndice – Resposta das Educadoras Cooperantes de creche e de jardim de infância ao inquérito por questionário

Projeto de investigação- Mestrado em Educação Pré-Escolar

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

(Educadora de Creche)

O presente questionário é um instrumento de recolha de informações para a elaboração do Relatório de Projeto de Investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, cuja problemática é: A Adaptação e o Bem-estar das crianças em Creche e Jardim de Infância.

Este relatório destina-se a recolher informações que me permitam compreender as concepções das educadoras de infância cooperantes sobre a adaptação. As respostas são muito importantes para a concretização do Relatório.

1. Há quantos anos é educadora de infância em creche/ Há quantos anos é educadora de infância em ji?

Sou educadora em creche há 10 anos e em ji tive 6 anos.

2. Qual a sua concepção sobre a adaptação?

A adaptação implica integrar-se, acomodar-se, ambientar-se a uma determinada situação. Para as crianças é um processo muito delicado que tem proporções significativas e marcantes pois implica rupturas com a sua zona de conforto e habituação a espaços novos, rotinas novas, tendo de relacionar-se com adultos e outras crianças que lhe são desconhecidas.

3. Qual o papel do educador de infância durante a fase de adaptação da criança à creche/ji??

O papel do educador e da equipa pedagógica da sala onde a criança irá permanecer é muito importante temos em primeiro lugar ganhar a confiança da criança em questão, criando laços afetivos, confortá-la para que se sinta segura e aos poucos ir integrando a criança no quotidiano escolar.

4. Que estratégias utiliza para promover a adaptação das crianças?

As estratégias que utilizo são a atenção individualizada durante os primeiros dias ou semanas se necessário for, confortá-la, dar-lhe a conhecer todos os momentos da nossa rotina diária, desmistificando os seus receios e angústias de forma tranquila e segura para que ultrapasse as suas dificuldades rapidamente e seja uma criança feliz.

Projeto de investigação- Mestrado em Educação Pré-Escolar

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

(Educadora de Jardim de infância)

O presente questionário é um instrumento de recolha de informações para a elaboração do Relatório de Projeto de Investigação do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, cuja problemática é: A Adaptação e o Bem-estar das crianças em Creche e Jardim de Infância.

Este relatório destina-se a recolher informações que me permitam compreender as concepções das educadoras de infância cooperantes sobre a adaptação. As respostas são muito importantes para a concretização do Relatório.

1.3.Há quantos anos é educadora de infância em creche/ Há quantos anos é educadora de infância em ji?

Sou educadora em creche há 4 anos e de Jardim de Infância há 5 anos.

1.3.Qual a sua concepção sobre a adaptação?

A adaptação é a construção do vínculo com as crianças. Este é um grande desafio que a criança tem e deve ser encarado como um assunto sério e responsável.

É muito importante que a criança sinta que existe um elo de ligação entre os pais e a equipa de sala.

1.3.Qual o papel do educador de infância durante a fase de adaptação da criança à creche/ji??

O papel do educador é de extrema importância é ele que deve criar um clima de segurança afetiva para que a criança se possa sentir segura individualmente ou em grupo.

Devemos tentar que a criança se sinta á vontade no espaço sala, exterior pra que o possa explorar e sentir aquele espaço também é seu.

Com os pais também temos um papel importante pois cabe ao educador tentar compreender as ansiedades deles, falar-lhes com segurança e afeto de forma a perceberem que nós também compreendemos o lado deles e o lado das crianças com a adaptação a um novo espaço e adultos.

A criança deve sentir que existe um elo de ligação entre os pais e a equipa de sala.

1.3. Que estratégias utiliza para promover a adaptação das crianças?

Conhecer a criança qual a personalidade dela, o que gosta (etc) e conversar com os pais e consultar a entrevista que os pais deram.

Aproximar-me das crianças com respeito, afeto sem demonstrar ansiedade, tranquila às reações das crianças.

A adaptação deve ser feita de forma progressiva ela deve ir conhecendo a equipa, espaços e se possível acompanhada com a mãe. Para que se aperceba que também ela faz parte deste apoio, não está sozinha, a separação deve ser feita aos poucos, juntos pais e equipa devemos desenvolver estratégias para que ela se sinta bem normalmente esta adaptação e este trabalho é mais em Creche. No Jardim de Infância também é importante que os pais estejam presentes, porque a adaptação destes meninos mais crescidos é um pouco mais complicada eles têm que se adaptar aos adultos e ao grupo que á partida já estão adaptados. Aqui cabe aos adultos envolver o grupo para apoiar a criança que entra de novo, mostrando os espaços, dizer o nome, brincar com ele, envolvê-lo nas brincadeiras.

O adulto deve dar também atenção de forma individualizada a cada criança que acaba de entrar no grupo, mas nunca se pode esquecer das restantes crianças pois também elas precisam de se sentir seguras e afetivas.

1.3.Apêndice- Concepções das Educadoras Cooperantes (resposta aos inquéritos por questionário)

Categoria	Educadora A (Creche)	Educadora B (Jardim de infância)
Concepção sobre a Adaptação	<p><i>A adaptação implica integrar-se, acomodar-se, ambientar-se a uma determinada situação.</i></p> <p><i>Para as crianças é um processo muito delicado que tem proporções significativas e marcantes pois implica rupturas com a sua zona de conforto e habituação a espaços novos, rotinas novas, tendo de relacionar-se com adultos e outras crianças que lhe são desconhecidas.</i></p>	<p><i>A adaptação é a construção do vínculo com as crianças.</i></p> <p><i>É muito importante que a criança sinta que existe um elo de ligação entre os pais e a equipa de sala.</i></p>
Papel do Educador de infância na fase de adaptação	<p><i>O papel do educador e da equipa pedagógica da sala onde a criança irá permanecer é muito importante temos em primeiro lugar ganhar a confiança da criança em questão, criando laços afetivos, confortá-la para que se sinta segura e aos poucos ir integrando a criança no quotidiano escolar.</i></p>	<p><i>O papel do educador é de extrema importância é ele que deve criar um clima de segurança afetiva para que a criança se possa sentir segura individualmente ou em grupo.</i></p> <p><i>Com os pais também temos um papel importante pois cabe ao educador tentar compreender as ansiedades deles, falar-lhes com segurança e afeto de</i></p>

		<p><i>forma a perceberem que nós também compreendemos o lado deles e o lado das crianças com a adaptação a um novo espaço e adultos.</i></p>
<p>Estratégias para promover a adaptação</p>	<p><i>(...) atenção individualizada durante os primeiros dias ou semanas se necessário for, confortá-la, dar-lhe a conhecer todos os momentos da nossa rotina diária, desmistificando os seus receios e angústias de forma tranquila e segura para que ultrapasse as suas dificuldades rapidamente e seja uma criança feliz.</i></p>	<p><i>Conhecer a criança qual a personalidade dela, o que gosta (etc) e conversar com os pais e consultar a entrevista que os pais deram.</i></p> <p><i>Aproximar-me das crianças com respeito, afeto sem demonstrar ansiedade, tranquila às reações das crianças.</i></p> <p><i>No Jardim de Infância também é importante que os pais estejam presentes, porque a adaptação destes meninos mais crescidos é um pouco mais complicada eles têm que se adaptar aos adultos e ao grupo que á partida já estão adaptados. Aqui cabe aos adultos envolver o grupo para apoiar a criança que entra de novo, mostrando os espaços, dizer o nome, brincar com ele, envolvê-lo nas brincadeiras.</i></p>

		<p><i>O adulto deve dar também atenção de forma individualizada a cada criança que acaba de entrar no grupo, mas nunca se pode esquecer das restantes crianças pois também elas precisam de se sentir seguras e afetivas.</i></p>
--	--	---